

Motivação para a prática esportiva em crianças e jovens ginastas:

Uma análise do programa Jovem Talento em Campo Grande - MS.

Orientador: Professor Doutor Nuno Corte-Real

Coorientadores: Professor Doutor Helder Zimmermann

Professor Doutor Joel Saraiva Ferreira

Alessandra Rodrigues de Souza

Porto, 2020

U.PORTO

FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Motivação para a prática esportiva em crianças e jovens ginastas: uma análise do programa Jovem Talento em Campo Grande – MS.

Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Mestre em Treino Desportivo, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, ao abrigo do Decreto-Lei nº74/2006 de 24 de março.

Orientador: Professor Doutor Nuno Corte-Real

Coorientadores: Professor Doutor Hélder Zimmermann

Professor Doutor Joel Saraiva Ferreira

Alessandra Rodrigues de Souza

Porto, 2020

Ficha Catalogação

Souza, A. R. (2020*).* Motivação para a prática esportiva em crianças e jovens ginastas: uma análise do programa Jovem Talento em Campo Grande – MS. Porto: A. R. Souza Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Palavras-chave: ESPORTE, GINÁSTICA, MOTIVAÇÃO, TEORIA DA AUTODETERMINAÇÃO.

DEDICATÓRIA

Para aqueles que fizeram e fazem toda a diferença em minha vida: Siomar, Jorge e Fabrícia.

" E quando pensar em desistir, lembre-se dos motivos que te fizeram aguentar até agora"

(Sharpie Thoughts)

AGRADECIMENTOS

Neste trabalho, nem escrever os agradecimentos foi fácil. Foi uma caminhada longa, cheia de sentimentos variados, alguns bons outros nem tanto, mas sempre cheios de aprendizados.

Acredito que a palavra que mais define a conclusão dessa etapa é evolução em todos os quesitos humanos.

Ao encerrar este ciclo, reconheço a ajuda de todos que direta ou indiretamente fizeram parte deste trabalho e da minha longa caminhada.

Agradeço ao meu Orientador, Professor Doutor Nuno Corte-Real, que me socorreu no processo de elaboração desta dissertação, após uma tentativa não bem-sucedida, com sua paciência se disponibilizou a me escutar e acreditar na finalização da proposta apresentada mesmo com a distância existente. Obrigada pela confiança, professor, sou muito grata!

Ao Professor Doutor Hélder Zimmermann, um dos meus coorientadores neste processo. Uma pessoa que veio acrescentar muito no decorrer do trabalho. Já havia escutado inúmeros elogios ao seu respeito, tive a honra de o conhecer e entender o porquê de todos aqueles elogios, cada reunião, cada e-mail, mensagens por telefone e todas respondida com a intenção de ajudar sempre. Por vezes tinha a sensação de que éramos mestrandos juntos. Obrigada, Professor!

Essa dissertação não teria sido possível sem o Professor Doutor Joel Saraiva Ferreira, profissional que tenho a honra de dizer que fez parte da minha formação acadêmica desde o início, que o admiro cada vez mais e tenho o prazer em tê-lo mais uma vez ao meu lado nesse processo acadêmico como meu coorientador. No primeiro contato feito ainda em Portugal, sempre esteve disposto a ajudar e colaborar no que fosse preciso, responsável pelo início de todo esse processo. Não tenho palavras para agradecer, professor!

Quero aqui agradecer também a uma conversa que tive com o professor Doutor José Maia, não foi bem uma conversa, pois a desordem psicológica momentânea não deixou. Professor, não sabe o quanto aquele encontro

contribuiu; me lembro de suas palavras precisas para me restabelecer, continuar minha caminhada e chegar até aqui.

Agradeço ainda a todos os professores que fizeram parte do meu crescimento acadêmico, a todos os funcionários da FADEUP, principalmente a Fatinha que fazia diferença com aquele “Bom Dia” e o sorriso sempre em seu rosto, aos funcionários da biblioteca, sempre dispostos a ajudar e tirar dúvidas, a Sara e Hugo do gabinete de relações externas, que fazem muito mais que o seu trabalho, entendendo a diferença cultural existente em todo o processo.

Um obrigado especial à Presidente da federação de Mato Grosso do Sul, Elaine Mitsuko Nagano, que mesmo com tantos compromissos, estava sempre tão disponível, mesmo aos finais de semanas, respondendo a perguntas aleatórias que acreditávamos ser necessário ao texto. Se todos pensassem como você e soubessem da importância destes estudos, a educação mudaria.

Agradeço à professora Sarita Bacciotti; me lembro de quando fiquei sabendo que estava fazendo doutoramento em Portugal e mandei a primeira mensagem fazendo um monte de perguntas, e sempre bem respondidas com detalhes, fazendo ainda aumentar o meu interesse por estudar fora. As perguntas mudaram no decorrer desses anos, mas nunca acabaram!

Aproveito para agradecer também a todos os professores do Centro de treinamento que estiveram a postos para colaborar com as entrevistas, incentivando, organizando os seus alunos para que a coleta de dados acontecesse da melhor maneira.

Obrigada aos pais que autorizaram os seus filhos a participarem deste estudo, fazendo a diferença para a pesquisa do desporto. Estendo este agradecimento aos entrevistados/ginastas que se dispuseram a responder da melhor maneira possível ao questionário, aos acadêmicos de Educação Física que passaram pelo treinamento e foram entrevistadores da pesquisa junto a mim.

Grata por fazer parte dessa parceria da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e da Fundação Municipal de Esportes - FUNESP.

Agradeço a todos os funcionários da FUNESP que colaboraram com alguma informação ou documento, em especial a Juliana Porfírio, coordenadora do Programa Jovem Talento Esportivo.

À Francimar Perez, pelo apoio nessa caminhada, por tentar transferir todo o seu conhecimento e experiência para outra área, me ajudando sempre que necessário.

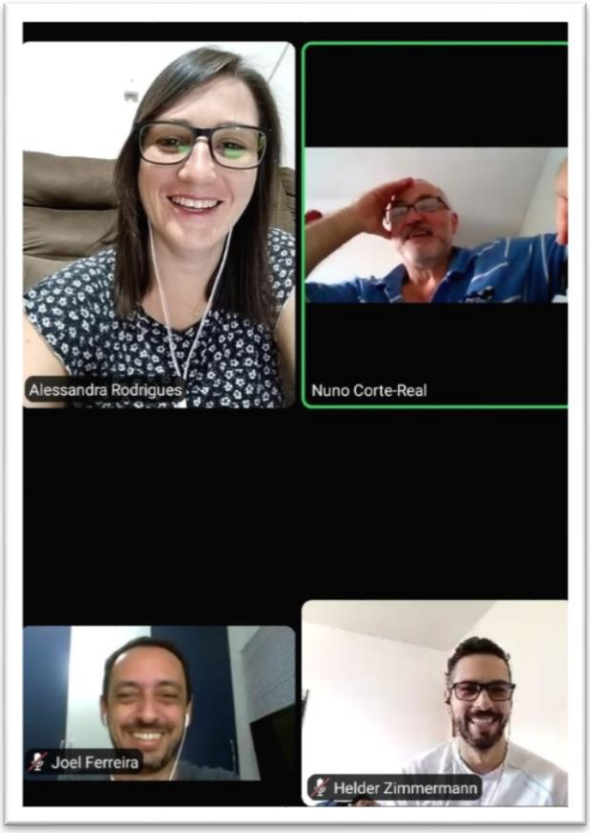
À minha família que sempre esteve comigo em cada caminhada, me dando força para continuar sem medo ou receio de errar, o que me fazia acreditar mesmo depois dos tropeços durante o percurso. Nem se todas essas páginas fossem de agradecimentos eu conseguiria expressar o quanto sou grata por ter nascido nessa família. Meu pai, o homem mais honesto e trabalhador que conheço, me inspira a cada dia a me esforçar para colher aquilo que eu plantar: obrigada pelo pai que é, Jorge Nogueira. Minha mãe, a mulher mais forte, guerreira e com um coração enorme; me lembro do seu esforço em me preparar para o “mundo lá fora”: obrigada por sempre fazer de tudo pela nossa felicidade, Siomar Resende. Minha irmã, a pessoa mais entusiasmada com meus planos não tão convencionais, me incentivando para acreditar: obrigada por estar sempre ao meu lado, Fabrícia Rodrigues. Ao meu cunhado, Nelson Brixner, o agregado que todo mundo queria ter na família, pois também zela pelos que estão ao seu lado. E ao menino mais lindo do mundo, Vinícius, “o nosso Vini”, que com cada gesto seu durante seu crescimento, mesmo quando estava longe, enchia meu coração de alegria, amenizando os desafios para continuar.

Não posso deixar de agradecer a Maria, Nicolás e Cristina que fizeram a diferença nesse projeto, lugar onde podia refugiar, reestruturar, me sentindo tão acolhida como se tivesse em casa. Sempre bem-dispostos a ajudar e fazer com que eu tivesse boas experiências na Espanha, e como temos histórias. Obrigada por fazerem parte dessa caminhada.

Aos meus amigos e familiares (avós, tios, tias, primos, afilhados) que deixei no início desse sonho, torcendo pelo meu sucesso e recebendo mensagens positivas durante a trajetória. Aos novos amigos que pude fazer no velho continente, tornando essa experiência mais incrível ainda.

Às pessoas que entraram em meu caminho e saíram, aquelas que chegaram e permaneceram, que eu aprenda com todas elas, pois nada é por acaso.

A Deus, por tudo.



"Uma Equipe de trabalho sem harmonia,

É igual uma orquestra desafinada. "

(Salvador Costa)

ÍNDICE

DEDICATÓRIA V
AGRADECIMENTOS IX
ÍNDICE XIII
ÍNDICE DE FIGURAS XV
ÍNDICE DE TABELAS XVII
ÍNDICE DE ANEXOS XIX
Resumo XXI
Abstract XXIII
Lista de abreviaturas XXV
CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO 1
1. Introdução 3
CAPÍTULO 2 - REVISÃO DA LITERATURA 7
2. Revisão de literatura 9
2.1. O esporte e suas dimensões 9
2.1.1. O Esporte-educação 9
2.1.2. O esporte participação ou esporte popular 12
2.1.3. O esporte de Desempenho ou esporte rendimento 13
2.2. Treinamento esportivo 15
2.3. Ginástica e seus benefícios aos jovens 17
2.3.1. Mato Grosso do Sul e a Ginástica Artística 19
2.4. Motivação para a prática esportiva 22
2.4.1. Teoria da Autodeterminação 25
2.4.2. Teoria da Integração Organísmica (TIO) 29
2.4.3. Continuum da motivação 30
2.4.4. Estudos empíricos com base na TAD 31
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA 35
3. Metodologia 37
3.1. Caracterização da amostra 37
3.2. Instrumentos de coleta de dados 37
3.2.1. Questionário 37

3.3. Procedimentos 38
3.3.1. Aspectos Éticos para coleta de dados 38
3.3.2. Estudo Piloto 38
3.3.3. Coleta de Dados 39
3.3.4. Análise Estatística 40
CAPÍTULO 4 –RESULTADOS 41
4. Resultados 43
4.1. Análise Descritiva 43
4.2. Análise em função do sexo 43
4.3. Análise em relação a participação em competições 44
4.4. Análise em função do escalão etário 46
CAPÍTULO 5 – DISCUSSÃO 49
5. Discussão 51
CAPÍTULO 6 – CONCLUSÃO 57
6. Conclusão 59
CAPÍTULO 7 - REFERÊNCIAS 61
7. Referências Bibliográficas 63
CAPÍTULO 8 - ANEXOS XXV

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa com a localização de “Mato Grosso do Sul no Brasil” 20
Figura 2 - Mapa de Mato Grosso do Sul e suas principais cidades..... 20
Figura 3 - Sequência motivacional subjacente à TAD..... 28
Figura 4 - Continuum da Teoria da Autodeterminação..... 30
Figura 5 -Fatores de treinamento distribuídos por sexo 44
Figura 6 - Fatores de treinamento distribuídos pela participação em competição 45
Figura 7 - Fatores de treinamento distribuídos pelo escalão etário..... 47

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Estatística descritiva de médias e desvio padrão sobre os fatores motivacionais em relação a GA..... 43
Tabela 2 - Médias e desvio padrão do sexo feminino e masculino em função dos fatores de treinamento da GA..... 44
Tabela 3 - Médias e desvio padrão dos fatores em função da competição..... 45
Tabela 4 - Médias e desvio padrão em função do escalão etário 46

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..... XXVII
Anexo II - Questionário PMQ..... XXIX

Resumo

As políticas públicas voltadas ao esporte promovem benefícios ligados à saúde e bem-estar geral da população, além do desenvolvimento de atletas com potencial de rendimento. Apesar de muitas pesquisas apontarem a importância de se exercitar para a contribuição no bem-estar e da qualidade de vida em geral, alguns estudos mostram que esses não são os únicos fatores motivacionais para a realização contínua da prática de exercícios físicos. Nesse contexto, buscando acrescentar dados à literatura, este estudo teve como objetivo principal analisar a motivação para a prática esportiva em crianças e jovens ginastas do município de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul (MS), na Região Centro-Oeste do Brasil. A amostra foi constituída por 98 praticantes de ginástica artística, com idades compreendidas entre 5 e 16 anos (8.98 ± 2.50), sendo 70 do sexo feminino e 28 do sexo masculino, todos vinculados ao Programa Jovem Talento Esportivo, desenvolvido pela Fundação Municipal de Esportes (FUNESP). Para a realização da pesquisa foi utilizado como instrumento a tradução e validação do *Participation Motivation Questionnaire (PMQ),* no contexto esportivo brasileiro por Guedes e Silvério Netto (2013). A análise dos dados revelou que o fator principal de motivação para os ginastas é a competência técnica. Nos fatores divididos por sexo destaca-se com diferenças estatisticamente significativas o Reconhecimento Social, Atividade de Grupo e a Afiliação. Sobre a análise em relação a participação em competições, a experiência do competir não apresentou nenhum dado estatisticamente significativo em relação aos fatores motivacionais pesquisados. Em relação ao escalão etário destaca-se a diferença entre os grupos 1 (5 a 7 anos) e 3 (acima de 10 anos) no Reconhecimento Social, Atividade de Grupo, Emoção, Afiliação e Diversão. Entre os grupos 2 (8 a 10 anos) e 3 (acima de 10 anos) o fator Emoção teve diferença estatisticamente significativa. Salienta-se a importância de mais estudos das variáveis da motivação autodeterminada no contexto esportivo.

PALAVRAS-CHAVE: ESPORTE, GINÁSTICA, MOTIVAÇÃO, TEORIA DA AUTODETERMINAÇÃO.

Abstract

Public policies focused on sport promote benefits related to the population's general health and well-being, in addition to the development of athletes with potential income. Although many studies have pointed out the importance of exercising to contribute to well-being and quality of life in general, some studies show that these are not the only motivational factors for the continuous practice of physical exercise. In this context, seeking to add data to the literature, this study aimed to analyze the motivation for sports practice in children and young gymnasts in the municipality of Campo Grande, capital of the State of Mato Grosso do Sul (MS), in the Midwest Region of Brazil. The sample consisted of 98 practitioners of artistic gymnastics, aged between 5 and 16 years old (8.98 ± 2.50), 70 of whom were female and 28 male, all of whom are linked to the Young Talent Sports Program, developed by the Municipal Sports Foundation FUNESP). To carry out the research, the translation and validation of the Participation Motivation Questionnaire (PMQ) was used as an instrument, in the Brazilian sports context by Guedes and Silvério Netto (2013). Analysis of the data revealed that the main motivating factor for gymnasts is technical competence. In the factors divided by sex, Social Recognition, Group Activity and Affiliation stand out with statistically significant differences. Regarding the analysis in relation to participation in competitions, the experience of competing did not present any statistically significant data in relation to the motivational factors surveyed. Regarding the age group, the difference between groups 1 (5 to 7 years) and 3 (over 10 years) stands out in Social Recognition, Group Activity, Emotion, Affiliation and Fun. Between groups 2 (8 to 10 years old) and 3 (over 10 years old) the Emotion factor had a statistically significant difference. The importance of further studies on the variables of self-determined motivation in the sports context is emphasized.

KEYWORDS: SPORT, GYMNASTICS, MOTIVATION, THEORY OF SELF-DETERMINATION.

Lista de abreviaturas

CBG – Confederação Brasileira de Ginástica

CEFAT – Centro de Treinamento de Ginástica Artística

EMPE - Escala sobre motivos para a prática esportiva

FGMS – Federação de Ginástica de Mato Grosso do Sul

FIE – Fundo de Investimento especialmente constituído

FUNESP – Fundação Municipal de Esportes

GA – Ginástica Artística

JEBS – Jogos Escolares Brasileiros

MS – Mato Grosso do Sul

PMQ – Participation Motivation Questionnaire

QMAD – Questionário de Motivação para as Atividade Desportivas

TAD – Teoria da Autodeterminação

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TIO – Teoria da Integração Organísmica

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

1. Introdução

O esporte se constitui em um dos mais importantes fenômenos socioculturais do mundo. Praticamente em todo o mundo é reconhecida a relevância do esporte nos processos de educação, de desenvolvimento físico, psicológico e social das pessoas, independente das características demográficas ou econômicas do local no qual estão inseridos os seus praticantes (Oliveira, 2019).

No Brasil, o esporte tem grande valor social, inclusive mencionado na constituição federal de 1988, que apresenta a abordagem deste em um sentido amplo, expondo que sua importância não se limita apenas à prática convencional, mas agrega a prática recreativa, de lazer e de divertimento, o que o coloca no rol dos direitos sociais. Já especificamente no artigo 217 da constituição federal brasileira está descrita a incumbência do estado brasileiro em desenvolver práticas desportivas formais ou informais como direito de cada cidadão (Brasil, 1998).

As políticas públicas voltadas ao esporte promovem benefícios ligados à saúde e bem-estar geral da população, além do desenvolvimento de atletas com potencial de rendimento. Para isso, o fomento advindo do poder público deve ocorrer nas diferentes manifestações do esporte. Sendo assim, o esporte ao abranger manifestações como educação, lazer e rendimento, se constitui como campo sociocultural, proporcionando oportunidades para o desenvolvimento humano. Deve, portanto, ser estudado nos seus alcances sociais, visando ampliar as possiblidades e potencialidades para que ocorram avanços no conhecimento da utilização das práticas esportivas na consolidação de estilos de vida saudáveis, almejando superações atléticas ou melhora da qualidade de vida, dependendo dos objetivos de quem o pratica.

Devido à importância política, sociocultural e econômica associada aos grandes investimentos financeiros e aos fenômenos da globalização, o esporte tem alcançado uma dimensão extraordinária. Além disso o sedentarismo aliado aos maus hábitos alimentares contribui consideravelmente para o surgimento e o desenvolvimento de fatores de riscos que predispõem ao aparecimento de doenças crônicas. Com isso, o apelo à prática da atividade desportiva é uma das

prioridades das diversas sociedades, principalmente das mais desenvolvidas, e estrategicamente precisam ser direcionadas principalmente aos jovens.

Em países em desenvolvimento como o Brasil, muitos jovens veem no esporte a possibilidade de ascender socialmente e obter ganhos financeiros realizando uma atividade esportiva. Entretanto, além da expectativa de ganho financeiro, vários fatores influenciam a motivação dos praticantes esportivos como exemplo na prática do desporto federado em que há preocupação com os resultados desportivos e as competições regulares requerem maior envolvimento do praticante, desta maneira as atividades e treinamentos tendem a ser mais exigentes, tanto no aspeto físico, emocional e até na disponibilidade de tempo.

Nesse sentido, estudar o estímulo das crianças e jovens para darem início a alguma modalidade esportiva se mostra como um elemento importante na busca pelo aperfeiçoamento do processo de formação esportiva de jovens atletas, especialmente em modalidades esportivas com iniciação em idades mais tenras, como no caso das ginásticas artística. Além disso, é relevante compreender a motivação também no sentido de se prevenir para que os praticantes não se afastem do esporte, abandonando as aulas.

Sendo assim, o objetivo deste estudo foi analisar a motivação para a prática esportiva em jovens ginastas do município de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul (MS), na Região Centro-Oeste do Brasil.

Com a intenção de responder o objetivo proposto por este estudo, o presente trabalho apresenta-se organizado em 5 capítulos. Para avaliar a pergunta levantada nesta pesquisa, optou-se por estudo exploratório fundamentado na teoria da autodeterminação, utilizando como instrumento de análise, *Participation Motivation Questionnaire* (PMQ) (Gil; Gross; Huddleston, 1983) para a utilização na população jovem no contexto esportivo brasileiro (Guedes & Silvério Netto, 2013).

No Capitulo 1, de forma a contextualizar e amparar o objetivo deste trabalho, discorre-se bases conceituais sobre o esporte no país em desenvolvimento (Brasil) e suas políticas públicas.

Num segundo momento, o Capitulo 2 traz a revisão de literatura, discorre sobre a temática que sustentou este estudo, buscando explorar publicações dos temas e dos diversos subtópicos inseridos no esporte, na ginástica, na motivação e na teoria da autodeterminação, explorando uma de suas microteorias: Teoria da Integração Organísmica. Este capítulo ainda traz os objetivos traçados para este estudo.

Seguindo, no capitulo 3, explora-se os procedimentos metodológicos, descrevendo o contexto que antecedeu o estudo, o porquê optou-se pelo formato de entrevista para aplicar o questionário usado, os principais atores da investigação e ferramenta escolhida para análise dos dados.

No capítulo 4, foram apresentados os resultados em forma de figuras e tabelas, a partir da recolha de dados feito por entrevistas com todos os ginastas do centro de treinamento de Campo Grande/MS, destacando os pontos estatisticamente significativos.

O capítulo 5 tem o intuito de comparar os resultados com outros estudos feitos anteriormente, usando a teoria da autodeterminação como base destas pesquisas.

O Capítulo 6, atenta-se sobre reflexões levantadas a partir dos resultados que chegamos no estudo, alguma implicações teórico-práticas, afim de vincular todos os capítulos anterior seguindo uma mesma linha de investigação.

CAPÍTULO 2 - REVISÃO DA LITERATURA

2. Revisão de literatura

2.1. O esporte e suas dimensões

O esporte, segundo Betti (1991) em essência é uma ação social institucionalizada composta por regras, que se desenvolve em forma de competição contra adversários ou contra a natureza, cujo intuito é, através de comparação de objetivos, identificar o vencedor ou registrar a performance ou o recorde. O desempenho obtido pelo indivíduo ou indivíduos resultam das habilidades ou estratégias utilizadas por estes, e geralmente são gratificantes, intrínseca e/ou extrinsecamente.

Já para Bracht (1989) o esporte se trata de uma atividade corporal de movimento com as seguintes características: competição, rendimento físico e técnico, recorde, racionalização e cientificização do treinamento.

Os conceitos de maneira geral se complementam, entretanto independentemente de suas distinções devemos compreender o conceito e a prática do esporte em suas três dimensões sociais: Esporte-Educação, na Escola e fora dela; Esporte-Lazer, também chamado de Esporte-participação e Esporte de Desempenho, também conhecido como Esporte de Rendimento ou Esporte de Elite.

A Lei federal nº 9.615 sancionada em 24 de março de 1998 (Lei Pelé), reforçou o esporte como direito individual (Capítulo II, art. 2º) e as manifestações (Capítulo III, art. 3º) que explicam o conceito de esporte (Esporte Educacional, Esporte de Participação e Esporte de Rendimento) no Brasil.

2.1.1. O Esporte-educação

Também denominado de Esporte Educacional, Esporte na Escola, o Esporte Educação é decorrente da percepção e abordagem apresentada na constituição de 1988, quando passa a ser considerado um direito de todos.

O Esporte Educacional é uma manifestação do esporte com foco na inclusão social, cujo processo de aprendizado e desenvolvimento integral do ser humano é o principal objetivo e não apenas a formação do indivíduo como atleta. É uma forma de aprendizagem de valores e conteúdo, onde prevalecem

abordagens e práticas que influem na formação de valores, habilidades, atitudes e condutas (Da-Costa apud Corrêa, 2013).

Segundo Tubino et al. (2007), a prática do esporte educacional deve estar referenciada nos princípios da: inclusão, participação, cooperação, co-educação e co-responsabilidade.

O esporte educacional, cuja responsabilidade é do estado, independente se dentro ou fora da escola, tem como função democratizar e gerar cultura esportiva e contribuir com o desenvolvimento do indivíduo no que diz respeito às relações sociais e com a natureza, com a formação corporal e suas potencialidades, habilitando-o para o lazer e o exercício crítico da cidadania, visando a construção de uma sociedade livre, organizada, cooperativa e solidária (Tubino, 2010).

Na prática do Esporte Educacional há sempre que prezar pela sua essência cujo objetivo principal é propiciar a vivência que contribui para o desenvolvimento humano. Conforme descrito na Lei nº 9.615/1998 no artigo 3, o esporte educacional é aquele praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a selecionar aqueles mais aptos para a prática do esporte, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer (Brasil, 1998).

Dessa maneira o esporte educacional pode apresentar práticas que sejam diferentes do esporte de rendimento, pois a prática deve ser adaptada aos seus participantes, embora estes também tenham que aprender a se adaptar a ele, até onde isso for possível. Entretanto o esporte educacional tem princípios que devem ser seguidos rigorosamente, para que não se confunda com outras manifestações esportivas. Também é diferente do esporte de participação, porque é orientado sistematicamente, de acordo com uma metodologia educacional específica.

Além disso, os princípios pedagógicos parecem visar a garantia de um possível sucesso com o uso da metodologia e a diferenciação em relação a outras manifestações do esporte, pautada nas suas especificidades, entre elas a utilização da organização sistemática por parte de quem propõe as atividades.

A metodologia a ser utilizada na prática do esporte educacional pode ser localizada em um campo que transita em duas perspectivas acerca do esporte, utilizando elementos de ambas para se constituir. Sendo uma que trata o esporte com fim nele mesmo, na qual o aprender a praticar determinada modalidade é o que importa. E a outra tem o esporte como meio para outros fins que tendem a valorizar a prática do esporte para aprendizados e vivências direcionados a outros interesses e necessidades. Deste modo, a metodologia do esporte educacional está pautada em cinco princípios pedagógicos que ajudam professores e alunos a organizarem suas práticas no cotidiano de projetos sociais esportivos e principalmente na escola regular. São eles: o rumo à autonomia, a construção coletiva, o respeito a diversidade, a educação integral e a inclusão de todos (Reis & Silva, 2016).

Kunz (1994) já abordava o problema da mudança que era (e continua) necessária na Educação Física através do esporte. Em sua concepção é uma irresponsabilidade pedagógica trabalhar o esporte na escola que tem por consequências provocar vivências de sucesso para uma minoria e vivência de insucesso ou de fracasso para a maioria. Desta forma, o desenvolvimento do esporte escolar seria conduzido pela contramão do processo de exclusão da maioria, isto é, os professores de Educação Física teriam que promover o esporte, ensinando-o a todos.

Em geral, a educação que tem um propósito acima de tudo social ao compreender o esporte como manifestação educacional deve demandar do esporte-educação uma abordagem e conteúdo fundamentalmente educativos (Tubino, 2001). Uma orientação educativa no esporte deve atrelar-se necessariamente a três áreas de atuação pedagógica, a de integração social, a de desenvolvimento psicomotor e a das atividades físicas educativas. (Teotonio Lima apud Tubino, 2001)

No âmbito da integração social deve ser assegurada uma participação efetiva, propiciando aos educandos a tomada de decisões na preparação e realização das atividades, acrescido de uma possibilidade crescente de intervenção nas atividades esportivas extraescolares, visando chegar essa atuação na própria comunidade em que se situa o ambiente escolar. No que se

refere à área de desenvolvimento psicomotor devem ser ofertadas oportunidades de participações que atendam principalmente as necessidades de movimento bem como situações de juízo crítico, autoavaliação e tudo isso, livre de discriminações de qualquer tipo. E por último, na área das atividades físicas educativas a orientação deve direcionar-se para a concretização das aptidões em capacidades e na aquisição de níveis superiores nestas capacidades (Teotonio Lima apud Tubino, 2001).

2.1.2. O esporte participação ou esporte popular

É a dimensão social do esporte referenciado com o princípio do prazer lúdico, e que tem como finalidade o bem-estar social de seus praticantes (Tubino, 2001).

Conhecido também como Esporte Lazer ou Esporte Comunitário é praticado de forma livre, tem relações com a saúde e as regras e estas podem seguir as orientações institucionais ou não, ou seja, podem ser adaptadas de acordo com o interesse dos praticantes. Seus princípios são a participação, o prazer e a inclusão (Tubino, 2010).

Com relações intrínsecas com o lazer e o tempo livre. Sua manifestação ocorre em ambientes e condições onde não há comprometimento com o tempo e afastado dos deveres do cotidiano. De um modo geral, visa propiciar a descontrair, divertir, o desenvolvimento pessoal e a convivência entre todos. Também se caracteriza pela prática e/ou participação voluntária de cada indivíduo (Tubino, 2001).

Outra característica marcante do esporte participação ou esporte popular é a prática por todos sem nenhuma forma de discriminação. Almeida e Gutierrez (2008) corroboram trazendo outras características tais como realizar atividades físicas para apenas sentir-se integrado ao meio ambiente; ser atraído para a prática de um esporte despojado de comparações atléticas; sentir-se satisfeito pela convivência com as pessoas; perceber a facilidade de acesso à prática das atividades físicas e esportivas oferecidas por uma estrutura de funcionamento organizada com segurança para a integridade pessoal de todos; tornar possível a realização do convívio social e seu aproveitamento, decorrente do esporte;

favorecer uma prática esportiva que elimine diferenças no sentido de democratizar o bem estar.

Fica evidente nesta dimensão do esporte a preocupação com o prazer, a diversão, o não comprometimento em obter vitórias ou novos êxitos, sendo um espaço de práticas onde todas as pessoas podem praticar e sentir-se bem. Essa dimensão do esporte promove a integração entre povos através de parcerias e alianças desenvolvidas entre as comunidades, fortalecendo-as. Daí a percepção que essa dimensão juntamente com o esporte educação (quando trabalhado seguindo seus preceitos e objetivos reais) pode estar mais inter-relacionada com os caminhos democráticos em relação a prática do esportiva (Tubino, 2001).

2.1.3. O esporte de Desempenho ou esporte rendimento

O Esporte de Desempenho, conhecido também como Esporte de Competição e Esporte Institucionalizado, é aquele cuja prática é regida por regras universalmente preestabelecidas que estão vinculadas às federações, confederações nacionais ou internacionais. Tem como objetivos resultados, vitórias, recordes, títulos e premiação financeira. Neste segmento a ética deve ser referência nos treinamentos e competições, o esporte de desempenho pode ser de rendimento ou de alto rendimento e a superação e o desenvolvimento esportivo compõem os princípios para essas duas manifestações (Tubino, 2010).

Darido e Rangel (2008) e Tubino (2010) enfatizam que nesta dimensão do esporte a prática tende a ser desempenhada pelos talentos esportivos, ou pessoas com poder aquisitivo que tenham disponibilidade de tempo para a prática esportiva e o acesso precoce a programas de treinamento. Nessa tendência o esporte segue uma linha que quem o pratica são considerados os melhores, pois um dos objetivos é a vitória deixando de lado um caráter de democracia, onde quem quisesse praticar poderia praticar.

Com efeito, estes modelos quando desenvolvidos dentro das escolas são alvos de críticas, alertando-se que essa dimensão pode trazer malefícios para os alunos, como por exemplo, a especialização precoce e a sobrevalorização da vitória a qualquer custo. Segundo Voser, Neto e Vargas (2007) a iniciação desportiva precoce como atividade esportiva desenvolvida antes da puberdade

é caracterizada por uma alta dedicação aos treinamentos (mais de 10 horas semanais) com finalidade eminentemente competitiva.

O treinamento especializado precoce é aquele no qual crianças iniciam uma preparação voltada ao rendimento antes da fase pubertária a um processo planejado e organizado de treinamento, em no mínimo três sessões semanais objetivando o aumento gradual da performance, além da participação regular em competições (Kunz, 1994). Muitas vezes essas ocorrências são motivadas pela falta de conhecimento do professor e/ou as ações (pressões, ideias, valores) oriundas do sistema, na qual ao observar grande potencial na criança, pais e/ou professores preocupam-se com a elevação do seu rendimento e incentivam a obtenção de títulos, com o objetivo de adquirir resultados em curto prazo na modalidade.

Assim, a inserção prematura da criança no esporte de rendimento pode causar prejuízos no desenvolvimento infantil, como exemplo: formação escolar deficitária, decorrente da grande exigência para conduzir com êxito a atividade esportiva; unilateralização de um desenvolvimento que deveria ser múltiplo, diverso; insuficientes participações em atividades, brincadeiras e jogos do mundo infantil, imprescindíveis para o desenvolvimento da personalidade na infância. Além disso a saúde física e psíquica podem ser afetadas num treinamento especializado precoce (Kunz, 1994).Tubino (2001) nos apresenta alguns pontos positivos que justificam uma relevância social do esporte performance, citando que essa dimensão pode proporcionar uma atividade cultural que proporciona um intercâmbio internacional, ascensão social quando um atleta atinge alto desempenho; movimento da economia, o envolvimento de recursos humanos qualificados , o que provoca a existência de várias profissões especializadas no esporte gerando postos de trabalho e ainda a promoção de turismo, entre outros.

Deve-se ainda ressaltar o efeito motivação/referencial que o atleta exerce sobre outros atletas e a população em geral. Independente da dimensão social do esporte, essencial é que a Educação Física estabeleça o diálogo com o esporte, traçando as linhas de demarcação dos interesses e confluências, atingindo os melhores resultados possíveis.

2.2. Treinamento esportivo

O termo treinamento comumente nos remete a uma pessoa realizando muitas repetições de uma determinada atividade ou tarefa. Devido a amplitude o termo é empregado em várias áreas científicas e profissionais.

O treinamento físico pode ser compreendido como um processo organizado e sistemático de aperfeiçoamento físico, nos seus aspectos morfológicos e funcionais, alterando a capacidade de execução de tarefas que envolvam demandas motoras, sejam elas esportivas ou não (Barbanti, Tricoli & Ugrinowitsch, 2004).

Para Martin et al. (2008) treinamento esportivo é um processo complexo de ações, dirigido ao desenvolvimento planejado de determinadas condições de desempenho esportivo e à sua apresentação em situações esportivas de prova, especialmente na competição esportiva.

Em uma definição mais ampla o treinamento esportivo é conjunto de normas organizadas que visam ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento individual, com o objetivo de aumentar os rendimentos físico, psicológico e cognitivo (Barbanti, 1997). O treinamento esportivo pode desenvolver o relacionamento humano por meio de atividades que incluem um conjunto de situações complexas que envolvem, de forma incisiva, os sentimentos, emoções e desta maneira as relações interpessoais.

Em geral, no treinamento esportivo a repetição traduz em parte o processo, entretanto este vem se transformando e evoluindo nas últimas décadas. Uma transformação relevante foi a alteração da quantidade para a qualidade das repetições, tendo como resposta a melhoria dos resultados atingidos pelos praticantes (iniciantes ou atletas). O treinamento esportivo envolve diversas variáveis, muitas delas interdependentes, que se manipuladas de forma adequada pelo professor ou treinador, podem conduzir os iniciantes da prática esportiva a melhoras significativas de desempenho, havendo ou não o interesse de seguir carreira de atleta.

O propósito fundamental do treinamento físico é, por meio da indução de adaptações positivas nos estados físico, motor, cognitivo e afetivo do indivíduo, aumentar o nível do seu condicionamento de forma que ele atinja o ápice do

desempenho durante a competição atlética (Bompa, 2002; Weineck, 2003). Em geral, o treinar está associado a duas abordagens, uma voltada para a melhoria do nível de rendimento do atleta e outra à melhoria da aptidão física global do não atleta.

Segundo Bompa (2002) o treinamento é uma atividade física de longa duração, graduada de forma progressiva e individualizada, e tem como objetivo superar as tarefas mais exigentes do que as habituais. Weineck (1999a) acrescenta que um processo ativo, complexo, regular e orientado.

O processo de treinamento deve ser planejado e programado com base nos princípios do treinamento esportivo os quais são: Individualidade Biológica; Adaptação; Sobrecarga; Continuidade; Interdependência Volume-Intensidade; Treinabilidade; Especificidade; Reversibilidade; Variabilidade. Na prática, na preparação dos atletas o treinador deve compreender esses princípios antes para elaboração de programas em longo prazo, principalmente para os jovens atletas.

Conforme Tubino (2003b), o Treinamento Esportivo deve se reformular a todo momento para tentar considerar o maior número possível de variáveis que influenciam na performance. Portanto, torna-se instrumento primordial para a gestão e o sucesso de todo o processo de treinamento um conhecimento anterior e multidisciplinar. Verkhoshansky (1996) enfatiza que para compreender os resultados obtidos, há três variáveis importantes: o estado do atleta; o efeito do treinamento; e a carga de treinamento.

O condicionamento físico geral tem sido muito empregado no início do treinamento para jovens atletas, mas não se trata de um sistema ou uma metodologia de trabalho, é apenas uma maneira de trabalhar com diversos elementos que posteriormente comporão o sistema de treinamento e fornecerão uma condição inicial de adaptação às cargas do treino, propiciando melhores condições para assimilação e execução do treinamento e, portanto, reduzindo possibilidades de lesões. Esse condicionamento objetiva principalmente desenvolver, de forma harmoniosa e equilibrada, todos os grupos musculares. As capacidades físicas a serem desenvolvidas nessas unidades de treinamento

têm como intuito principal melhoria e o aperfeiçoamento da força, da flexibilidade, da velocidade de reação e da resistência aeróbia.

A grande evolução dos atletas no que se refere ao desempenho físico-esportivo observado atualmente é decorrente da interação de fatores fisiológicos, biomecânicos e psicológicos. Com maior emprego de tecnologias associado aos métodos científicos nas diferentes subáreas relacionadas ao treinamento físico, avanços significativos têm sido obtidos no desempenho de atletas. A compreensão dos diferentes componentes que contribuem para um alto desempenho numa determinada modalidade esportiva passa pela aplicação de testes específicos que possam auxiliar na elaboração, implementação, avaliação e reformulação de programas de treinamentos, bem como no monitoramento dos progressos obtidos (Roschel et al., 2001).

Nesta perspectiva, programas de treinamento elaborados corretamente e baseados em princípios científicos são imprescindíveis para que o atleta atinja o seu rendimento máximo. As ciências do esporte têm contribuído para o aperfeiçoamento destes programas, melhorando progressivamente a qualidade do processo de treinamento, entretanto há ainda um vasto campo para estudos e atuação dos profissionais para consolidar e integrar todas as áreas do conhecimento envolvidas neste segmento.

2.3. Ginástica e seus benefícios aos jovens

Originada na Grécia arcaica, a ginástica teve ao longo da história diferentes conceitos decorrentes de suas diversas funções nas diferentes culturas, obtendo, portanto, distintos significados e objetivos. Na antiguidade a *gymnastiké*, que significa treinar, e em sentido literal, exercitar-se nu, inicialmente se referia ‘arte da exercitação do corpo nu’ e destinava-se a preparação do guerreiro e também era parte da educação de crianças com as atividades consideradas necessárias para fortalecimento do corpo e estímulo da inteligência.

As práticas eram realizadas em ginásios, com atletas despidos e seus corpos banhados em óleo, sob a orientação de preparadores físicos e filósofos,

objetivando a formação do ser humano, nos aspectos físico, intelectual, filosófico, artístico e moral (Toledo, 1999).

Ainda naquele período, na Grécia, a ginástica foi instituída, metodizada e codificada, juntamente com a instituição dos atletas, e com a dos pedotribas (professores) que se consagravam exclusivamente nos exercícios corporais para concorrerem aos jogos públicos. Desde então a Ginástica formou-se a partir de diferentes conceitos, assumindo diversas funções, através dos tempos (desde 3.000 anos a.C. até hoje), nas diferentes culturas, obtendo diversos significados e objetivos, de acordo com a comunidade em que estava inserida e sua época (Toledo, 1999).

Acompanhando as mudanças e evolução da humanidade, a ginástica também passou por modificações. Mudanças de características, da maneira de se praticar e principalmente da finalidade a que se pratica. A ginástica é caracterizada como: "uma forma ou modalidade de educação física, isto é, uma maneira de formar fisicamente o corpo humano. Segundo Soares et al. (1992), se trata de uma forma particular de exercitação, onde exercícios são realizados com ou sem uso de aparelhos, possibilitando a prática de atividades que geram valiosas experiências corporais que contribuem e enriquecem a cultura corporal das crianças, em particular, e geralmente do homem. Segundo Hostal (1982) a ginástica faz com que a criança se encontre na relação com o próprio corpo, possibilita a descoberta de diversos segmentos, exercer o jogo das articulações, sentir e realizar melhor vários movimentos que ela desencadeia, é uma conscientização geral da existência do corpo.

As capacidades físicas presentes na ginástica são: velocidade (de reação, de deslocamento, dos membros); resistência (aeróbica, anaeróbica, muscular, localizada); força (dinâmica, estática, explosiva); equilíbrio (dinâmico, estático, recuperado); descontração (total, diferencial); coordenação; ritmo; agilidade e flexibilidade (Toledo, 2004). Logo as atividades, por suas características próprias, podem ser o melhor caminho para o desenvolvimento destas capacidades, sempre observando as leis do crescimento orgânico da criança/adolescente.

Através das ginásticas todos os movimentos básicos como correr, andar, saltar, trepar, subir, lançar, e outras formas de movimentos são desenvolvidas. As crianças/adolescentes devem ser levadas a pensar e identificar-se no espaço, perceber os objetos, organizar-se no ambiente e criar seus próprios movimentos. A prática da ginástica propicia a segurança de executar um movimento, por exemplo perder o contato com seu ponto de apoio na execução de um salto e retornar ao solo sem o perigo de queda grave (Soares et al., 1992). A ginástica vem ao encontro com as necessidades que as crianças/adolescentes apresentam de movimentos, aprimorando a análise do gesto e permitindo um melhor domínio corporal devido ao trabalho intenso de coordenação e equilíbrio.

Em geral a ginástica, devido seu alto valor educacional por seus aspectos sociais, recreativos e de saúde, permite que, através de sua prática, se possa abrir um espaço para a criatividade, estimulando a participação de qualquer ser humano, independente de raça, nível social, idade, sexo, condição física ou técnica.

2.3.1. Mato Grosso do Sul e a Ginástica Artística

A regulamentação estabelecida na Ginástica do Brasil é elaborada pela Confederação Brasileira de Ginástica (CBG). Esta é responsável pela composição da equipe para disputar competições internacionais. Entretanto, cada estado possui sua federação, o tornando responsável pelo esporte e pelas competições a nível estadual. As competições são distribuídas por categorias definidas pelas idades dos ginastas (CBG apud Bacciotti, 2016). Em cada estado brasileiro é subdividido ainda por municípios, onde estes também podem realizar competições menos formais, como os festivais esportivos entre os alunos de clubes, projetos sociais, afim de dar início a competição de uma forma mais lúdica.

A Federação de Ginástica de Mato Grosso do Sul (FGMS) fica na capital do estado (Campo Grande), um dos estados mais novos do Brasil, e está localizado na região Centro-Oeste do país. O estado faz fronteira com dois países: Bolívia e Paraguai (“Mato Grosso do Sul”, 2020).



Figura 1 – Mapa com a localização de “Mato Grosso do Sul no Brasil”.
Fonte: www.geogeral.com



Figura 2 - Mapa de Mato Grosso do Sul e suas principais cidades.
Fonte: www.geogeral.com

A Ginástica Artística (GA) em Campo Grande -MS surgiu a partir do Professor João Batista Ferreira, um dos fundadores do curso de Educação Física na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), professor da modalidade, que sempre incentivou e motivou os acadêmicos para a prática e ensino da GA. Além dele houve outros incentivadores deste esporte no município. As aulas inicialmente eram ministradas nas escolas por alguns professores de educação física, onde posteriormente originou-se a ideia de colocar a modalidade nos jogos da rede municipal de ensino da capital (FGMS, 2017).•

Em 1987 tivemos em Campo Grande os Jogos Escolares Brasileiros (JEBS), onde foram adquiridos materiais de GA para a realização do evento. Após os Jogos estes materiais vieram a pertencer ao Centro de Treinamento de

• FGMS: Federação de Ginástica do Mato Grosso do Sul (2017). Histórico do centro de treinamento de ginástica artística da prefeitura CEFAT: 1987 – 2017. Material institucional.

Ginástica Artística (CEFAT), dando mais um passo para o desenvolvimento da GA no estado (FGMS, 2017). •

No ano de 2005 realizou-se o XI Torneio Nacional de GA em Campo Grande/MS, onde houve a necessidade de adquirir novos materiais, então a FGMS, junto com o Governo do estado através do fundo de Investimento especialmente constituído (FIE) realizaram a compra de novos aparatos para o melhor desenvolvimento dos treinamentos. Posteriormente, com tantos materiais e aumento da procura um novo local era necessário, foi neste período que a FGMS estabeleceu um acordo com a Fundação Municipal de Esporte (FUNESP), firmando uma parceria, mantendo a utilização dos materiais e acesso a todos os clubes ao centro de treinamento (FGMS, 2017).

O CEFAT em 2006 recebeu o treinador Alexandre Carvalho (técnico da seleção brasileira feminina nas olimpíadas do RIO 2016). Com ele vieram algumas mudanças, e com isso começou a ser aplicado um teste para selecionar crianças que tinham o biotipo para ingressar em um grupo com o objetivo de rendimento. Este teste era feito em crianças de 5 a 8 anos. A proposta do Treinador que veio do Clube Flamengo na época era de formar (crianças que pudessem competir nacionalmente levando o nome do nosso município e do nosso estado (FGMS, 2017).

Em 2008, a Patrocinadora oficial da Ginástica no Brasil das Seleções masculina e feminina, de Ginástica Artística, Ginástica Rítmica e Ginástica de Trampolim, a Caixa Econômica Federal (instituição financeira), junto a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) firmou uma parceria com a FGMS, para a realização do projeto Jovem Promessa Caixa Econômica, oferecendo 2 monitores e alguns aparelhos júnior (iniciação esportiva), enquanto a FUNESP autoriza a cedência de um profissional do município para prestar serviços ao centro de treinamento. (FGMS, 2017)

O CEFAT no decorrer destes anos acarretou diversos títulos, alguns deles são:

• FGMS: Federação de Ginástica do Mato Grosso do Sul (2017). Histórico do centro de treinamento de ginástica artística da prefeitura CEFAT: 1987 – 2017. Material institucional.

- Campeões por equipe no Campeonato Brasileiro

Categoria Pré-Infantil Feminino / Campo Grande -MS- novembro/2008.

- Campeões por equipe no XXIII Torneio Nacional de GA Feminino

Porto Alegre -RS- novembro/2011.

- Campeões por equipe XXVI Torneio Nacional de GA Masculino

Aracaju -SE- junho/2013.

- Campeões por equipe XXVII Torneio Nacional de GA Masculino

São Luís -MA- novembro /2013. (FGMS, 2017)[•]

Hoje a ginástica em MS luta para voltar a alcançar a classificação do ranking Nacional, com equipe de rendimento masculina e feminina, não esquecendo das escolinhas de iniciação a ginástica. Desenvolve festivais de maneira não-competitiva, a fim de fomentar a sua prática, dando introdução a competição, promovendo a saúde, o desenvolvimento dos participantes e oportunizando um intercâmbio entre todos (Bacciotti et al., 2019).

2.4. Motivação para a prática esportiva

O conhecimento a respeito da 'motivação' humana para a realização de suas atividades é tão necessário quanto a capacitação para instruí-los em sua execução e por isso o tema motivação desperta bastante interesse nos profissionais da Educação Física, que buscam conhecer os motivos pelos quais pessoas se envolvem ou não em atividades físicas e esportivas e os motivos pelos quais permanecem ou não praticantes. A compreensão dos elementos que estão envolvidos no estado motivacional é importante nessa área, pois possibilita despertar o interesse e engajamento dos praticantes e inclusive melhorar o desempenho esportivo.

A teoria motivacional é complexa por ser constituída por diversas dimensões (Gillet et al., 2009). A motivação para a prática esportiva depende da relação de fatores específicos a cada pessoa (necessidades, interesses, metas e expectativas, personalidade) e situacionais (estilo de liderança do técnico,

[•] FGMS: Federação de Ginástica do Mato Grosso do Sul (2017). Histórico do centro de treinamento de ginástica artística da prefeitura CEFAT: 1987 – 2017. Material institucional.

facilidades, tarefas atrativas, desafios, influencias sociais (Weinber & Gould, 2001; Samulski, 2009). Os processos motivacionais são definidos como um conjunto de crenças e emoções interrelacionadas que conduzem o comportamento (Sloman, 1987; Wentzel, 1999).

Para Machado (2006), o motivo é imprescindível em quaisquer processos de aprendizagem e em todos os níveis de habilidade, sendo que o motivo é o maior responsável pelo início e manutenção de toda atividade realizada pelo ser humano. Para Weinberg e Gould (2001) a variável-chave tanto na aprendizagem, como no desempenho, em contextos esportivos e de exercícios, é a motivação. No esporte de alto rendimento ou não, a permanência, a intensidade com que se dedicam e o desempenho que os praticantes obtém são afetados pela motivação. Obviamente, é necessário ressaltar que outros fatores como ansiedade, estresse e própria aptidão física interferem no desempenho e resultado final.

A teoria da motivação parte da ideia inicial que pode existir algo que estimula o indivíduo a realizar alguma ação, lhe dá um direcionamento, mantendo o seu curso em direção ao objetivo até sua finalização (Winterstein, 1992). Contudo há diferentes correntes ou diferentes teóricos que têm concepções diversas sobre a motivação (Murray, 1978).

Em seus estudos e trabalhos entre as décadas de 30 a 50, o psicólogo americano Henry Murray apresentou a utilização do conceito de necessidades para explicar a motivação. Murray considerava uma necessidade como uma força psicoquímica no cérebro, responsável pela organização e direcionamento da capacidade intelectual e perceptiva (Penna, 2001; Schultz, 2002).

Para Murray (1978), cada necessidade é acompanhada de um sentimento e a pessoa utiliza certos métodos para satisfazê-la e elas podem ser reconhecidas pelo efeito final que produzem; pelo comportamento envolvido; pela atenção seletiva e resposta a certos estímulos; pelas expressões de afeto ou emoção; pela expressão de satisfação quando a necessidade é suprida ou pelo desapontamento quando não é. Foram elencados vinte motivos sociais ou “necessidades psicogênicas”. São elas: agressão, amparo, atividade lúdica, autonomia, deferência, defesa, domínio, entendimento, evitação de danos,

evitação de inferiorização, exibição, filiação, nutrimento, ordem, passividade, reação, realização, rejeição, sensualismo e por fim sexo (Murray, 1978; Penna, 2001; Schultz, 2002).

O “motivo de realização” foi amplamente estudado e definido como “a necessidade de conseguir excelência, de realizar altas metas ou obter sucesso em tarefas difíceis” (Massarella & Winterstein, 2009). Em 2001, numa pesquisa exploratória, Roberts identificou que são dominantes na área da atividade física duas teorias sobre motivação a “teoria da auto-eficácia” que tem sido dominante na Psicologia do Exercício, e a “teoria do motivo de realização” na Psicologia do Esporte. Entretanto o autor infere que podemos ainda estar caminhando rumo a uma teoria mais geral e abrangente da motivação na atividade física.

Segundo Winterstein (2002) o “motivo de realização” é o responsável pela motivação em situações de rendimento e de competição, sendo, portanto, de grande relevância para a Educação Física e o esporte. Contudo existem outras ‘teorias da motivação para realização’ passíveis de aplicação na prática esportiva: a teoria da expectativa de êxito e medo do fracasso; a teoria da orientação para o ego versus orientação para a tarefa; teoria da atribuição; a teoria das metas de realização; a teoria da motivação da competência (Weinberg; Gould, 2001; Winterstein, 2002).

Para qualquer realização bem-sucedida, a motivação é primordial, inclusive é também um dos fatores principais em treinamentos e competições. É também o componente fundamental para desencadear todo o complexo processo motivacional (Paim, 2001). Segundo Santos, da Silva e Hirota (2008), a motivação é assimilada e constatada de modo individual e está relacionada fundamentalmente ao desempenho.

Para elucidar o comportamento motivado de pessoas que dispõem muito tempo praticando certas atividades sem uma recompensa externa perceptível, como fama ou dinheiro, surgiu a “teoria da motivação intrínseca”. As recompensas, nesse caso, são inerentes à atividade em si, associadas aos sentimentos positivos que acompanham o comportamento (Massarella & Winterstein, 2009).

Como relatado inicialmente há várias teorias nas distintas correntes da psicologia que abordam, definem e explicam a motivação. Há situações em que pessoas se ocupam com determinadas atividades que as mantêm empenhadas na execução, permanecendo motivadas a ponto de desejarem repeti-las mais vezes. Certas experiências sensoriais e atividades comportamentais são intrinsecamente recompensadoras, como exemplo, as atividades exploratórias e lúdicas, que são realizadas sem outros motivos que não sejam os inerentes à sua própria natureza, ou seja, por uma diversão, desejo, prazer ou satisfação inata (Murray, 1978).

2.4.1. Teoria da Autodeterminação

A teoria da Autodeterminação (TAD), foi elaborada por Edward Deci e Michael Ryan, com uma abordagem mais teórica que vem se destacando em estudos que correlacionam a motivação com a prática regular de exercícios físicos. A TAD está voltada a compreensão do nível de evolução e comportamental do indivíduo no contexto social (Deci & Ryan, 2007). Essa teoria é diferente das demais, pois leva em consideração aspectos que podem ser motivados intrinsicamente e extrinsecamente, sendo que estas duas maneiras podem ocorrer de forma simultânea dentro de um *continuum* de autodeterminação (Ryan & Deci, 2007).

Assim, a motivação pode ter por origem fatores internos e/ou externos, sendo assim a motivação intrínseca de origem interna está relacionada aos fatos pessoais, sensações de prazeres internos sem relação alguma com os elementos externos. Já a motivação extrínseca, de origem externa, é aquela correlacionada aos fatores ambientais, influência de outras pessoas, enaltecimento por feitos, reconhecimentos e retribuições que induziriam os indivíduos à prática de atividades esportivas (Lopes & Nunomura, 2007).

Segundo Vallerand (2001) a motivação intrínseca é um comportamento comprometido consigo mesmo, com o prazer e satisfação derivados da participação. Compreende a realização de uma atividade por si mesma, por seu interesse inerente e pelos sentimentos e pensamentos espontâneos decorrentes, algo mais genuíno. Noutra forma, se a tarefa é realizada na

esperança de retribuições e recompensas externas, ocorre o fenômeno chamado de indivíduo extrinsecamente motivado.

Vallerand (2001) propôs um modelo hierárquico de motivação intrínseca, extrínseca e amotivação (ausência de motivação) no esporte e no exercício. O trabalho demonstrou claramente que os participantes de atividades físicas e esportivas não são motivados simplesmente intrínseca ou extrinsecamente, ou igualmente amotivados. Ocorrem três tipos de motivação e em vários graus, sendo, portanto, necessário considerar o nível situacional, contextual e global. A motivação resulta de fatores sociais em cada um dos três níveis e o impacto desses fatores sociais na motivação é mediado pelas percepções de competência (interações efetivas com o ambiente), de autonomia (sentimento de liberdade de escolha do curso da ação) e de relacionamentos (sentimento de estar conectado significativamente com outros).

A relevância do conceito de motivação intrínseca reside no fato de que a motivação extrínseca tende a se danificar, uma vez alcançado o objetivo e/ou a necessidade ou quando o alvo extrínseco é atingido, enquanto que a motivação intrínseca apresenta uma tendência a ser mais estável, regular (Massarella; Winterstein, 2009).

Embora a motivação intrínseca seja o principal fator propulsor para a realização de atividade física, muitos atletas iniciantes não têm conhecimento de todas modalidades esportivas, tampouco o acesso à prática, espaços e materiais necessários, e portanto acabam restritos às modalidades “populares” e ainda influenciados ao optarem por determinada modalidade. Segundo Gouvea (1997) elogios, reconhecimento e recompensas materiais são situações promotoras do incentivo e da motivação de origem externa. A motivação implica movimento, ação e ativação. Portanto para caracterizar um estado fortemente motivado, utilizam-se termos como: excitação, energia, potência, intensidade e ativação.

Os estudos sobre motivação para a prática esportiva fornecem aos profissionais um suporte teórico que os ajuda a compreender quais os processos psicológicos que são determinantes no engajamento das pessoas em atividades físicas e esportivas (Massarella & Winterstein, 2009).

Para Gill (1986) quanto maior a dedicação de uma pessoa para executar uma atividade sem interesse em obter recompensas externas, maior poderá ser sua motivação. Para al Huang e Linch (1992) o nível de motivação é diretamente proporcional ao prazer obtido na prática esportiva e que sem prazer, criam-se obstáculos como desinteresse e enfado. Para Deci e Ryan (1985), a motivação intrínseca decorre da inata necessidade psicológica de competências e autodeterminações.

Inúmeros fatores são motivadores para os adolescentes, tanto intrínseca como extrinsecamente e a força de cada motivo e seus padrões são influenciados e inferenciados pelo modo deles perceberem o mundo (Machado et al., 2006). Entretanto alguns motivos predominam sobre outros, orientando o jovem no alcance de determinados objetivos, ou seja, orientando sua conduta (Machado, 1997). A adolescência é considerada como uma fase singular da vida em virtude de ocorrências simultâneas de um conjunto de mudanças evolutivas na maturação física, no ajustamento psicológico e nas relações sociais (Levinski, 1998). Segundo Osório (1992) é também uma idade não só com características biológicas próprias, mas com aspectos psicológicos e sociais peculiares. Para Erikson (1971) a adolescência se dá a crise normativa, de organização ou estruturação do indivíduo e, que do ponto de vista psicológico, a atribuição primária desta fase é a aquisição do sentimento de identidade pessoal, é por isso que a crise evolutiva do processo adolescente é chamada de crise de identidade.

A TAD é centrada no desenvolvimento e funcionamento do indivíduo no contexto social, de cada escolha feita momentaneamente, o que ocasionará consequências autodeterminadas (Serra, 2010). Esta teoria se distingue de outras por englobar o grau em que a motivação é mais ou menos determinada pelo indivíduo (Vierling et al., 2007). Uma teoria da motivação humana, a experiência e vivência do ser humano, com motivação intrínseca e extrínseca se manifestando de diversas maneiras são as causas e consequências do desenvolvimento de sua personalidade em sociedade.

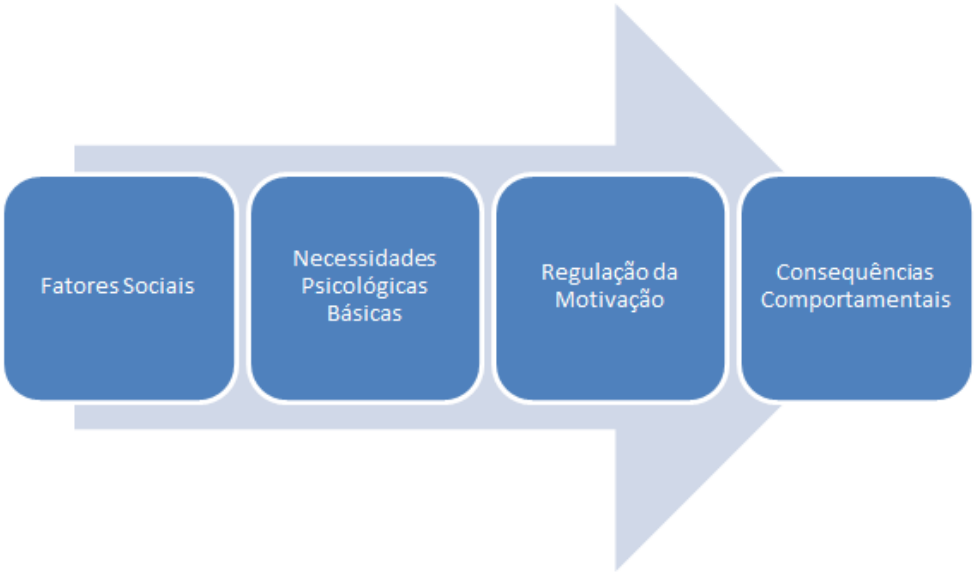


Figura 3 - Sequência motivacional subjacente à TAD

(Adaptado de: Vallerand, 2001, 2007; Vallerand & Losier, 1999; Vallerand & Ratelle, 2002)

Decy e Ryan (1985), desenvolveram um modelo multidimensional citando três tipos de motivação: Intrínseca (mais autodeterminada), extrínseca e amotivação (menos autodeterminada) que estão inseridas em diferentes pontas de um contínuo.

Vallerand (1997), relaciona os principais elementos da teoria autodeterminada de modo hierárquico da motivação intrínseca e extrínseca. Este modelo relaciona a regulação da motivação, as suas determinantes e as devidas consequências (cognitivas, afetivas e comportamentais), as classificando como: global, contextual e situacional.

A TAD foi ordenada em microteorias nas quais norteiam as proposições teóricas e analisam pesquisas empíricas que suportam essas proposições. (Deci

& Ryan, 1985). Estruturada em seis microteorias (Cognitive Evaluation Theory, Causality Orientation Theory, Basic Psychological Needs Theory, Goal Contents Theory, Relationships Motivation Theory, Organismic Integration Theory) (Oliveira, 2019), este estudo será realizado com base nesta última microteoria, devido a significativa relação desta com o exercício físico, sendo traduzida para o português como Teoria da Integração Organísmica.

2.4.2. Teoria da Integração Organísmica (TIO)

A Teoria da Integração Organísmica (TIO) consiste em explanar os motivos pelos quais as pessoas não são motivadas intrinsecamente. Compreende-se então, diversas formas de motivação extrínseca através de suas diferentes manifestações, características e consequências. A regulação extrínseca segundo Ryan e Deci (2017) pode ser dividida em grupos:

I – Regulação externa sendo a menos autônoma, o indivíduo expressa o comportamento para satisfazer imposições externas, afim de obter recompensas ou se eximir de punições.

II – Regulação Introjetada definida pela conduta do indivíduo motivado por recompensas e punições feitas por si mesmo, para fugir de sentimentos como culpa ou vergonha.

III – Regulação identificada quando o indivíduo valoriza ou reconhece o comportamento e compreende a importância de executar a tarefa proposta.

IV – Regulação Integrada sendo a mais autônoma da motivação extrínseca, o indivíduo possui o entendimento do motivo pelo qual a tarefa necessita ser executa, buscando um determinado resultado e para alcançar este, necessita desempenhar um comportamento.

Inicialmente as motivações intrínsecas e extrínsecas eram consideradas opostas, então a TIO classificou as dinâmicas da motivação extrínseca subentendendo que o comportamento humano pode ser regulado de forma independente e progressiva (Decy & Ryan, 2002).

A motivação intrínseca também é importante, pois esta orienta um indivíduo a buscar novos desafios ao longo da vida, obtendo uma maior capacidade de compreensão. Ryan e Deci (2017) explicam a internalização

como um processo psicológico relacionando com o processo interpessoal e cultural de socialização notado pelo ambiente externo.

Um comportamento que inicialmente foi motivado por uma regulação externa pode se converter em um comportamento motivado internamente, apresentando autonomia e desempenho relevante em uma atividade extrinsecamente motivada. A internacionalização não pode ser vista como uma dicotomia e sim um continuum. (Ryan & Deci, 2000).

2.4.3. Continuum da motivação

O comportamento quando é motivado situa-se em algum ponto de um continuum motivacional que pode ser determinado pelo nível de autonomia, mais ou menos competência e autodeterminação. (Gomes & Boruchovitch, 2016). Sendo assim, a motivação individual tem uma variância de acordo com o grau de autonomia manifestada pelo indivíduo no contexto global.

Forma motivacional	**Amotivação**	**Motivação Extrínseca**				**Motivação Intrínseca**
Estilos regulatórios	Não regulatório	Externo	Introjecção	Identificação	Integração	Intrínseco
Lócus de percepção de causalidade	Impessoal	Externo	Externo / Interno	Externo / Interno	Interno	Interno
Comportamento	Não auto-determinado	⟷				Auto-determinado
Processos regulatórios relevantes	*Ausência de:* -competência -contingência -intenção	*Presença de:* -recompensas externas -punições	-aprovação social -envolvimento para o ego	-valorização da actividade -importância pessoal	-síntese de regulações identificadas / conscientes	-divertimento -prazer -satisfação

Figura 4 - Continuum da Teoria da Autodeterminação

Fonte: (Fernandes & Vasconcelos-Raposo, 2005, p.386)

A figura representa a TAD por meio de um continuum, incluindo a motivação intrínseca e extrínseca e suas diferentes regulações e a amotivação, iniciando do fator motivacional mais autodeterminado para o menos determinado. (Ryan & Decy, 2000). Refletindo assim por obter recompensas dentro de prazos ou limites temporais, é apresentado como alguma dor de

independência, mas não sendo um comportamento próprio do indivíduo, e sim uma instável variável. (Fernandes & Vasconcelos-Raposo, 2005).

A TAD ressalta um contínuum motivacional que abrange diversos níveis de autodeterminação de acordo com cada tipo de motivação que cada pessoa desencadeia. Existem dois extremos: a motivação intrínseca ocorre quando a criança realiza uma atividade e esta desperta o interesse nela própria, provocando somente o prazer em estar executando aquela tarefa. Motivação extrínseca: com o passar da idade a maturidade e o raciocínio despertam interesses distintos, ocasionando uma forma de auto-regulação, quando o interesse do indivíduo já não se encerra na tarefa, mas estimula no comportamento, resultando em uma consequência separada, controlada por recompensas, aprovações sociais, proveito pessoal. (Fernandes & Vasconcelos-Raposo, 2005).

E por último, a amotivação. Alguns autores consideram que esta não é regulada, tem um comportamento para além do controlo proposital do indivíduo, tem uma ausência de intenção naquilo que faz e os processos regulatórios retratam a ausência de competência, contingência e/ou intenção. (Ferraz, 2018). Estas pessoas não se julgam intrinsicamente ou extrinsecamente motivados para realizar uma determinada tarefa. Não leva em consideração ações e resultados relacionando com a ausência de motivação.

Com associação à motivação, inúmeros benefícios educacionais e desportivos como a melhoria da aprendizagem, empenho, esforço, esforço em atividade de aprendizagem futuras tem sido relatado por estudos empíricos. (Goudas, Dermitzaki & Bagiatis, 2000).

2.4.4. Estudos empíricos com base na TAD

A prática habitual de esportes, especialmente na juventude, é uma atividade de lazer em potencial para a iniciação esportiva, principalmente quando apresenta uma variação de níveis, propiciando uma situação de desafio para o indivíduo e gerando excitação/motivação para o domínio da ação, sendo, obviamente, continuamente orientada/supervisionada por pessoas responsáveis.

Com a prática ou o lazer casual, vivencia-se a realização/satisfação momentânea, imediata, o prazer é relativamente passageiro estimulado por uma atividade que requer um breve treinamento, ou nem mesmo solicite o treinamento ou habilidade especial para sua realização (Siegenthaler & Gonzalez, 1997). A prática de esportes para algumas crianças pode ser apenas uma atividade de recreação, um lazer passageiro, já para outras, pode a prática tornar-se algo relevante para suas vidas, constituindo-se num hábito valoroso para o futuro, auxiliando no estabelecimento e manutenção de um estilo de vida saudável e com mais qualidade de vida.

Sobre a influência de pais, técnicos e torcida, Pinto Sobrinho et al. (1997) apontaram que assim como costumes, tradições, crenças e rituais são transmitidos de pais para filhos de geração para geração, da mesma maneira a influência se dá no esporte, ou seja, a probabilidade de filhos de pais atletas ingressarem em atividades esportivas é bem maior do que em filhos de pais que não praticam nenhum tipo de exercício físico regular.

Num estudo realizado por Roberts e Mckelvain (1987) entre ginastas masculinos na faixa etária de 16 a 18 anos foi identificado como principal fator motivacional o propósito de melhorar o desempenho e aprimorar movimentos. Já nas faixas etárias de 10 a 12 e 13 a 15 anos, a motivação em demonstrar capacidade para competir, a comparação com outros e a aprovação social superaram a vontade de melhorar o desempenho.

Em trabalho realizado por Moreno et al. (2007) foi identificado que os indivíduos que praticam atividades físicas em um número maior de dias em uma semana, também são os mais inclinados à tarefa. Moreno et al. (2007) observaram que os indivíduos que treinavam dois ou três dias por semana demonstraram maior orientação ao ego e menor motivação em relação aos que praticavam em quatro ou mais dias.

Lopes e Nunomura (2007), estudando a motivação para a prática e permanência na ginástica artística feminina de alto nível, observaram que os motivos intrínsecos foram os mais evidentes. A definição de metas segundo a literatura é um dos fatores de motivação na prática esportiva, o que foi confirmado neste estudo, entretanto foi também identificado que as ações e

intenções declaradas pelas ginastas não foram coerentes com suas metas que foram identificadas como superiores em relação ao que executam e como agiam. Esse fato merece atenção dos técnicos, pois sabidamente metas irreais também contribuem para a desistência e/ou comprometem o envolvimento no esporte.

Para Samulski (2009), o trabalho do treinador terá maior relevância no desenvolvimento do atleta a medida que souber compreender e atender as necessidades intelectuais, motivacionais, emocionais e sociais do atleta. Para tal é desejável que o técnico tenha controle emocional em sua atuação. Excesso de treinamentos e competições devem ser evitados. Além disso é necessário auxílio aos atletas em momentos desagradáveis como derrotas, desempenho indesejáveis, conflitos e estresse entre outras situações desgastantes. Enfim é necessário ter conhecimento intuitivo e sensitivo, olhar atento a todos os participantes da equipe possibilitando entender o comportamento social, os anseios de cada atleta, e do modo geral a situação emocional individual.

Relvas (2005), estudando os fatores determinantes que levam jovens à prática desportiva e compreensão que os treinadores têm deles, relatou que a vontade de realizar atividades desportivas, a busca pela evolução técnica e física e a experiência do trabalho em equipe foram os motivos mais revelados pelos participantes da pesquisa. Entre os treinadores, o único motivo que coincidiu com aqueles mais citados pelos jovens, foi o trabalho equipe. Neste estudo o autor identificou que a maneira como o treinador pensa e percebe a motivação não está alinhado com o que os jovens anseiam.

É também importante ressaltar que esporte competitivo de alto nível na infância e na adolescência pode trazer prejuízos de natureza psicológica e de desenvolvimento social, se não forem consideradas todas as dimensões envolvidas na prática do esporte. O preparo intensivo para competições desportivas de alto rendimento pode ocasionar desistências e/ou problemas de ordem psicológica. A atividade esportiva, voltada restritamente para competição, com ausência de prazer e bem-estar na rotina de treinamentos, acaba se resumindo às vitórias e marcas alcançadas, suprimindo sua contribuição positiva no desenvolvimento e formação da personalidade (Rosadas, 1993).

Portanto, compreender os fatores motivacionais que levam crianças e jovens à prática esportiva propicia a uma orientação assertiva das metas quando um jovem atleta optar pelo esporte alto rendimento. E mais, contribui ainda para a elaboração das atividades de treinamento e estratégias que minimizem os riscos de abandono precoce do esporte, contribuindo para manutenção da prática esportiva habitualmente, bem como todos os benefícios oriundos desta.

Sendo assim, tínhamos os seguintes objetivos nesta investigação:

Objetivo Geral

Analisar a motivação para a prática esportiva em crianças e jovens ginastas vinculados ao programa Jovem Talento Esportivo, do município de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul (MS), na Região Centro-Oeste do Brasil.

Objetivos Específicos

- Averiguar as diferenças entre os sexos, em relação à motivação para a prática de Ginástica Artística;
- Verificar as diferenças em função do nível competitivo dos ginastas sobre a motivação para a prática deste esporte;
- Analisar as diferenças entre os escalões etários, em relação à motivação para a prática de Ginástica Artística.

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

3. Metodologia

3.1. Caracterização da amostra

Este estudo dispôs de uma amostra constituída por 98 atletas de ginástica artística (M_{idade} = 8.98 ± 2.50 anos; $M_{tempo\ de\ prática}$ = 2.33 ± 2.19 anos) de ambos os sexos, sendo 70 femininos (M_{idade} = 9.53 ± 2,35 anos; $M_{tempo\ de\ prática}$ = 2.36 ± 2.08 anos) e 28 masculinos (M_{idade} = 9.53 ± 2.34 anos; $M_{tempo\ de\ prática}$ = 2.25 ± 2.58 anos). Dos 98 atletas, 49 nunca haviam participado de competições.

Os participantes são crianças e jovens com a idade mínima de 5 anos e máxima de 16 anos. A amostra foi dividida em 3 escalões etários afim de agrupar as idades com o nível maturacional mais próximo possível de acordo com a amostra. Criaram-se 3 grupos: 5 a 7 anos (n=30), 8 a 10 anos (n=40) e 11 a 16 anos (n=28).

Os participantes do presente estudo eram integrantes do Centro de Treinamento de Ginástica Artística (CEFAT) da cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. As aulas são vinculadas ao Programa Jovem Talento Esportivo, oferecidas gratuitamente pela Fundação Municipal de Esportes (FUNESP), existindo diferentes níveis de treinamento, aumentando a carga horária de treino de acordo com o desenvolvimento do participante, variando de 1 hora em 2 dias da semana até 5 horas em 5 dias da semana.

3.2. Instrumentos de coleta de dados

3.2.1. Questionário

Neste estudo utilizou-se a versão traduzida e adaptada do *Participation Motivation Questionnaire* (PMQ) (Gil; Gross; Huddleston, 1983) para a utilização na população jovem no contexto esportivo brasileiro (Guedes & Silvério Netto, 2013). O questionário foi desenhado com o intuito de constatar os motivos que movem as crianças e jovens optarem por começar, continuar, ou ao contrário, deixar de praticar uma determinada modalidade esportiva. O PMQ é composto por 30 itens correspondentes ao elenco de possíveis motivos que podem impulsionar os jovens atletas a praticar algum esporte, agrupados em 8 fatores de motivação: a) Reconhecimento Social (; b) Atividade de grupo; c) Aptidão física; d) Emoção; e) Competição; f) Competência técnica; g) Afiliação; h)

Diversão. Mediante a escala de medida tipo *likert* de 5 pontos (1= “nada importante” a 5= “muito importante”) (Guedes & Silvério Netto, 2013).

3.3. Procedimentos

3.3.1. Aspectos Éticos para coleta de dados

Primeiro critério ético exigido é a submissão e aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em pesquisa com seres humanos. Em uma parceria da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) com a Fundação Municipal de Esporte (FUNESP), o parecer titulado como “Observatório de Atividades físicas e Esportivas” foi submetido e aprovado no ano de 2019. A pesquisadora responsável pelo presente estudo obteve autorização do coordenador do projeto na UFMS para desenvolvê-lo vinculado ao Observatório de Atividades Físicas e Esportivas.

Para tanto, realizou-se uma reunião com os profissionais/coordenadores de cada instituição (UFMS e FUNESP), para definição dos objetivos da pesquisa e dos procedimentos que seriam realizados do decorrer do estudo.

Com isso, teve início o projeto de pesquisa de cunho exploratório com delineamento transversal e abordagem quantitativa na análise dos dados, sobre nível de atividade física habitual, comportamental, indicadores sociodemográficos dos sujeitos e de saúde.

3.3.2. Estudo Piloto

Antecedendo a coleta de dados no CEFAT, foram feitas algumas entrevistas em diferentes modalidades esportivas, afim de constatar a melhor forma de ser aplicado o questionário, fornecendo parâmetros necessários para evitar possíveis dúvidas e erros que pudessem ser cometidos durante a execução da entrevista para este estudo.

Inicialmente foi aplicado os questionários em grupo, 14 meninos praticantes de futsal, com idades entre 12 a 16 anos. Neste caso, houve apenas dúvidas sobre a compreensão de algumas palavras.

Num segundo instante foi aplicado os questionários com grupo de idades menores, 6 a 9 anos, praticantes de Karatê. Nesse momento houve também

dúvidas sobre a definição de algumas palavras, o preenchimento do questionário mesmo sendo explicado anteriormente ocasionando erros, marcando dois números no mesmo item ou deixando de marcar em outro.

E por último, a forma de entrevista individual foi feita também na modalidade de Karatê, com idades de 4 a 11 anos, sendo explicado todo o questionário e a forma que deveriam responder cada item.

Optou-se então pelo preenchimento do questionário de forma assistida pela investigadora ou por acadêmicos voluntários, por ser a opção com menos margem de erro na compreensão do questionário, pois diferentes idades participariam do estudo e o objetivo deveria chegar a todos, independentemente de idade.

Para a aplicação dos questionários por acadêmicos, foi feita uma parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), onde alguns acadêmicos do curso de educação física se voluntariaram e passaram por um treinamento para participar da coleta de dados fazendo no CEFAT com os jovens ginastas.

3.3.3. Coleta de Dados

Inicialmente foi explicado aos responsáveis da equipe o propósito e todos os procedimentos do estudo. Logo após, o envio do Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) foi entregue aos ginastas matriculados do programa jovem talento esportivo para que fossem entregues aos pais para que dessem autorização à participação de seu filho (a) na pesquisa.

Em março deste ano, mediante confirmação pelo TCLE (em anexo), a coleta de dados foi feita no local de treinamento - CEFAT, onde os participantes ginastas estão habituados a treinar.

Em um local reservado, nos dias específicos de suas aulas como acontecem normalmente, acadêmicos da UFMS (previamente instruídos) fizeram a aplicação dos questionários a cada ginasta em uma única vez.

3.3.4. Análise Estatística

Para análise dos dados do presente estudo, em um primeiro momento os questionários aplicados foram tabelados no programa Microsoft Excel e depois transportados para o programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 26. No *software*, foram efetuadas análises descritivas com os cálculos das medidas de tendência central (média, mediana e moda), do desvio padrão, e os valores máximo e mínimo das variáveis sociodemográfica e dos construtos resultantes do questionário. Para verificar a normalidade dos dados realizou-se o teste de KolmogorovSmirnov (K-S), onde se optou pela análise não paramétrica dos dados. Para as comparações de amostras entre os grupos foram utilizados os testes de MannWhitney para comparação de dois grupos, e Kruskal-Wallis (KW-H) comparação de mais de dois grupos. O nível de significância estabelecido foi de $p<.05$, para todas as análises.

CAPÍTULO 4 –RESULTADOS

4. Resultados

4.1. Análise Descritiva

Na tabela 1 podemos verificar uma caracterização geral das variáveis analisadas, na qual são apresentados os valores da média e desvio padrão dos fatores motivacionais.

Os resultados demonstraram valores superiores para os fatores associados a competência técnica com o valor médio de 4.23. Destacando também a Afiliação, contendo os menores valores mencionados com o valor médio de 3.03.

Tabela 1 - Estatística descritiva de médias e desvio padrão sobre os fatores motivacionais em relação a GA

Fatores	Média	Desvio Padrão
Reconhecimento social	3.14	1.00
Atividade de grupo	3.92	0.80
Aptidão física	3.94	0.86
Emoção	3.60	1.04
Competição	3.75	1.29
Competência técnica	4.23	0.79
Afiliação	3.03	1.14
Diversão	3.50	0.94

4.2. Análise em função do sexo

A tabela 2 representa os fatores divididos por sexo, destacando-se com diferenças estatisticamente significativas o Reconhecimento Social feminino com um valor médio de 2.93 e masculino de 3.64 (p=0.02), a Atividade de Grupo no feminino com 3.82 e no masculino com 4.17 (p=0.01) e a Afiliação no feminino com 2.88 e no masculino com 3.41 (p= 0.04).

Outro ponto a ser apresentado, destacado na tabela e no gráfico a seguir é a Competência técnica, no feminino com 4.35 e no masculino com 3.95 sendo esse o único fator com a maior média do sexo feminino.

Tabela 2 - Médias e desvio padrão do sexo feminino e masculino em função dos fatores de treinamento da GA

Fatores	Feminino (n=70)		Masculino (n=28)		
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	P
Reconhecimento social	2.93	0.99	3.64	0.87	**0.02***
Atividade de grupo	3.82	0.72	4.17	0.93	**0.01***
Aptidão física	3.88	0.86	4.09	0.84	0.25
Emoção	3.53	0.98	3.78	1.15	0.17
Competição	3.58	1.34	4.16	1.09	0.05
Competência técnica	4.35	0.67	3.95	1.00	0.11
Afiliação	2.88	1.08	3.41	1.20	**0.04***
Diversão	3.41	0.93	3.72	0.96	0.12

*p<0.05

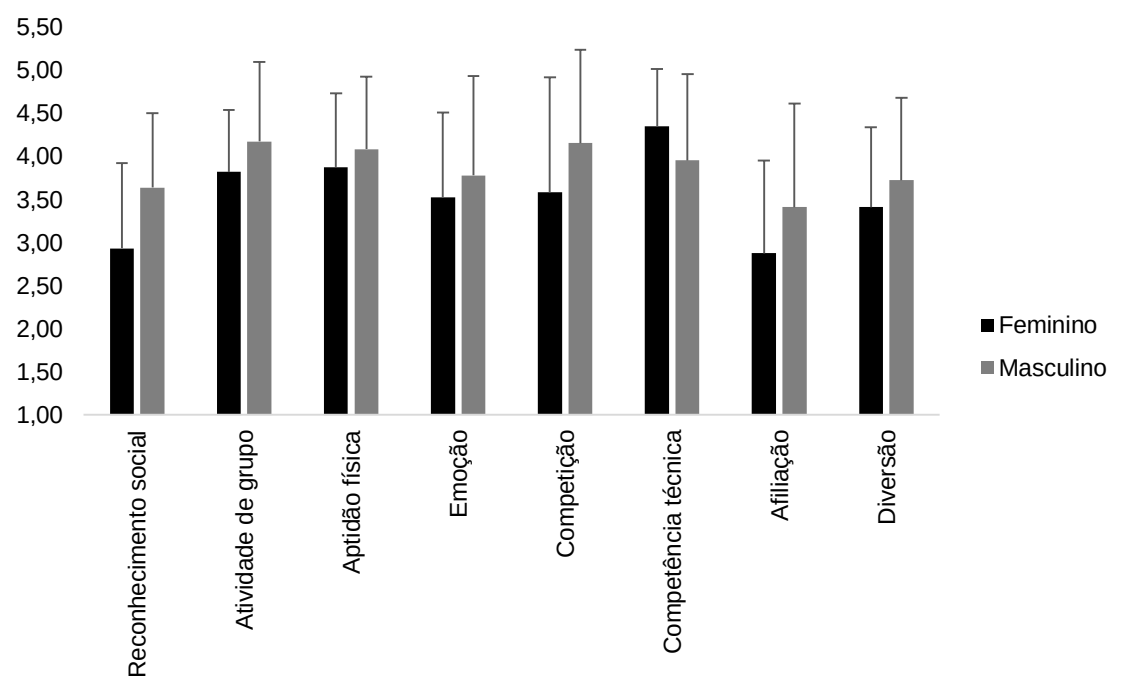


Figura 5 -Fatores de treinamento distribuídos por sexo

4.3. Análise em relação a participação em competições

Na tabela 3 e no gráfico 2 estão distribuídos as médias e o desvio padrão dos alunos que competiram e de quem nunca participou de alguma competição de GA. Nesses dados pode-se verificar que o fato de já ter vivenciado a

experiência do competir não apresentou nenhum dado estatisticamente significativo em relação aos fatores motivacionais pesquisados.

Tabela 3 - Médias e desvio padrão dos fatores em função da competição

Fatores	Nunca competiu (n=49)		Competiu (n=49)		
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	P
Reconhecimento social	3.13	1.00	3.15	1.02	0.96
Atividade de grupo	3.95	0.75	3.90	0.85	0.75
Aptidão física	3.94	0.85	3.94	0.87	0.94
Emoção	3.54	0.99	3.67	1.09	0.45
Competição	3.76	1.31	3.74	1.29	0.93
Competência técnica	4.16	0.79	4.31	0.80	0.19
Afiliação	2.94	1.18	3.14	1.09	0.35
Diversão	3.58	0.87	3.42	1.02	0.45

*p<0.05

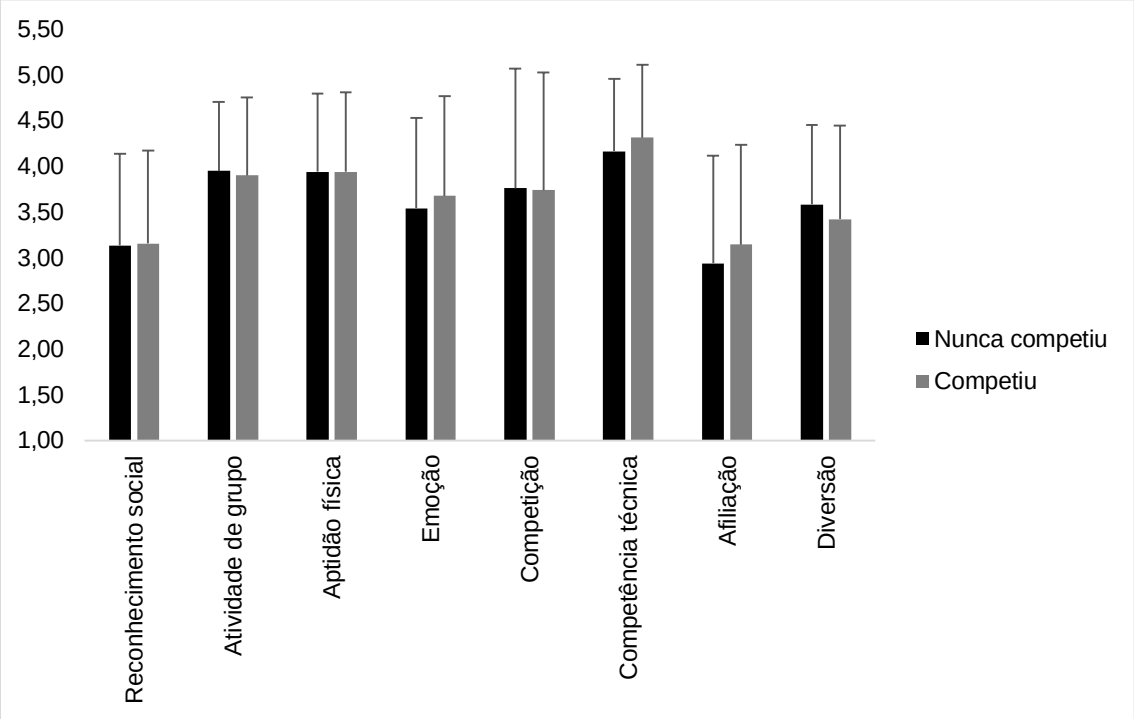


Figura 6 - Fatores de treinamento distribuídos pela participação em competição

4.4. Análise em função do escalão etário

Na tabela 4 e no gráfico 3 está sendo apresentada a tabulação dos dados em 3 grupos com a faixa etária diferentes. Todavia não há diferença expressiva entre os grupos 1 e 2 nos dados a seguir.

Destaca-se os fatores estatisticamente significativo na diferença entre os grupos etários. Existe diferença entre os grupos 1 (3.65 ± 0.99) e 3 (2.67 ± 0.85) P = <0,01 no Reconhecimento Social. Atividade de Grupo 1 (4.17 ± 0.73) e 3 (3.57 ± 0.67), P = <0,01. Emoção 1 (3.93 ± 0.96) e 3 (3.10 ± 0.88), P = <0,01. Afiliação 1 (3.58 ± 1.09) e 3 (2.58 ± 0.75), P = <0,01. Diversão 1(3.91 ± 0.82) e 3 (3.18 ± 0.82).

Entre os grupos 2 e 3 no fator Emoção teve diferença estatisticamente significativa. Grupo 2 (3.71 ± 1.08) e 3 (3.10 ± 0.88).

Tabela 4 - Médias e desvio padrão em função do escalão etário

Fatores	5 a 7 anos (n=30)		8 a 10 anos (n=40)		acima de 10 (n=28)		
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	p
Reconhecimento social	3.65	0.99	3.09	0.97	2.67	0.85	**<0.01*[b]**
Atividade de grupo	4.17	0.73	3.99	0.86	3.57	0.67	**<0.01*[b]**
Aptidão física	3.80	0.95	4.13	0.76	3.80	0.86	0.18
Emoção	3.93	0.96	3.71	1.08	3.10	0.88	**<0.01*[b.c]**
Competição	3.70	1.41	3.89	1.33	3.60	1.12	0.42
Competência técnica	3.99	1.01	4.38	0.61	4.27	0.74	0.38
Afiliação	3.58	1.09	2.94	1.24	2.58	0.75	**<0.01*[b]**
Diversão	3.91	0.82	3.43	1.02	3.18	0.82	**<0.01*[b]**

*p<0.05

a= diferença entre 1 e 2

b= diferença entre 1 e 3

c= diferença entre 2 e 3

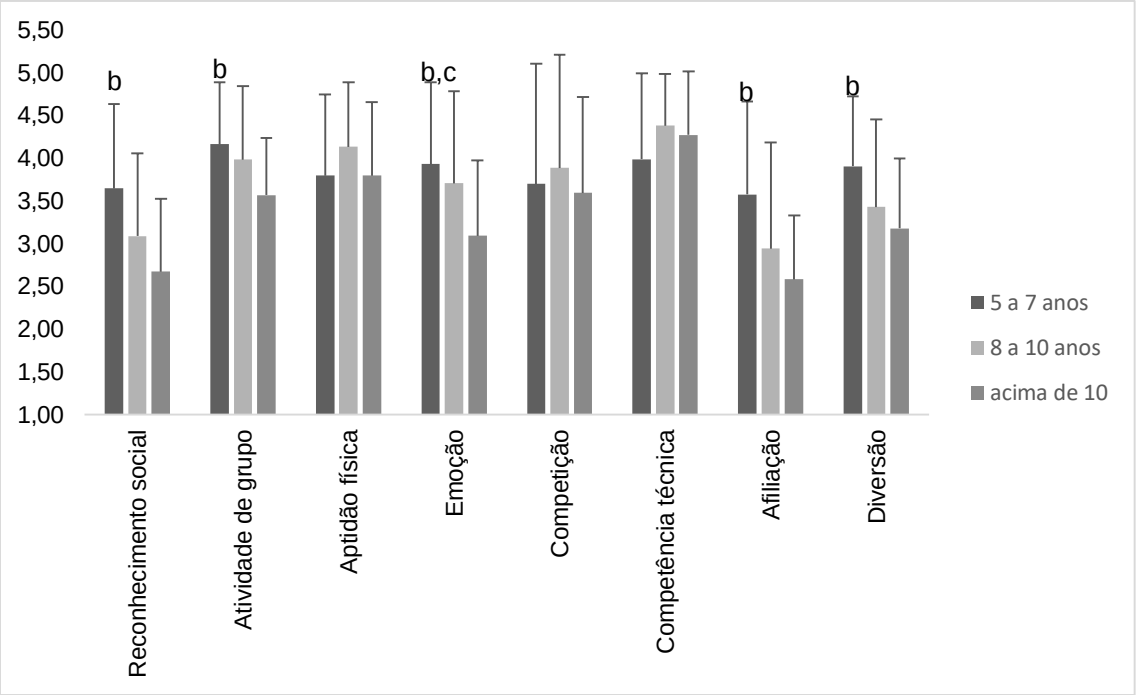


Figura 7 - Fatores de treinamento distribuídos pelo escalão etário

CAPÍTULO 5 – DISCUSSÃO

5. Discussão

O presente estudo teve como objetivo principal analisar a motivação para a prática esportiva em jovens ginastas do município de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul (MS), na Região Central do Brasil. Desta forma, essa pesquisa lançou um olhar sobre a motivação autodeterminada destes atletas, buscando assim averiguar se havia diferenças entre os sexos em relação à motivação para a prática de Ginástica Artística, bem como a influência do nível competitivo dos ginastas sobre a motivação para a prática deste esporte, obtendo um olhar para análise dos escalões etários dentro da modalidade.

Os resultados obtidos neste estudo foi de que o maior nível de satisfação dos praticantes de GA foi relacionado a competência técnica, esta insere três itens que os jovens atletas mencionam: a prática afim de alcançar metas de autorrealização associadas ao domínio e ao aperfeiçoamento das técnicas esportivas (Guedes & Netto, 2013). Num estudo semelhante realizado no Estados Unidos, por Gill e colaboradores (1983), meninas e meninos praticantes de modalidades coletivas e individuais com a idade de 8 a 18 anos também teve como o maior fator citado pelos participantes, aqueles relacionados com a Competência Técnica. Outro estudo feito no Brasil, também usando o PMQ com praticantes de futebol de 10 a 16 anos, destacou o mesmo fator: a competência técnica como a maior causa de praticar o esporte em ambos os sexos (Paim, 2001 apud Bernardes et al., 2015). O motivo desse fator ser o mais citado é a causa desses jovens-atletas estarem inseridos dentro de um grupo e permanecerem buscando ser os melhores, alcançando o sucesso, pois aqueles que têm o maior desempenho técnico serão reconhecidos como habilidosos, consequentemente alcançarão resultados e vitórias (Bernardes et al., 2015). Para Cecchini (2002), este fator vai em direção da motivação da conquista, em demonstrar total domínio do esporte que representa, melhorando as habilidades com novas técnicas, aumentando assim o nível esportivo.

Afim de associar de forma empírica a competência Técnica, um fator de motivação em destaque neste estudo, com a teoria da autodeterminação, porém, não foram encontrados estudos que fizessem essa relação. Entretanto, pode-se correlacionar a Competência Técnica, dentro da TAD, como uma necessidade

psicológica básica de competência percebida, sendo algo motivador, de forma intrínseca, para os atletas pesquisados, podendo ser um dos motivos desses valores se terem destacado. A competência entende à vontade do ser humano em ter efeito no meio em que vive para alcançar resultados almejados anteriormente. A esse respeito Bernardes et al. (2015), destaca em sua pesquisa que os atletas consideram a competência técnica o fator de motivação para sua permanência dentro da equipe, buscando o seu melhor sempre, o fato de estarem preocupados com aprender a executar os movimentos corretamente fará com que tenham melhor desempenho técnico, podendo alcançar o sucesso dentro da modalidade específica se destacando dentro do grupo.

Destaca-se também a Afiliação, onde concentra itens mais voltados a aprovação social, de percepção de amizades com os pares (Guedes & Netto, 2013), tendo a menor representatividade mencionada pelos participantes neste estudo. Sendo o oposto de um estudo feito por Garyfallos e Asterios (2011), no Chipre com as idades de 10 e 12 anos nas modalidades de Futebol, basquetebol e Voleibol no âmbito escolar, onde faziam parte dos treinamentos dessas modalidades esportivas meninas e meninos. Esses destacaram como motivo principal para sua permanência no esporte a Filiação e Diversão. Bernardes e colaboradores (2015), também destacou jovens atletas com a idade de 14 anos ou menos a atribuir importância significativa nos fatores Diversão e Filiação a continuarem a frequentar os treinamentos.

Conforme os dados analisados em função do sexo, observou-se neste estudo diferenças significativas nas médias em três fatores de motivação consideráveis: “Reconhecimento Social”, “Atividade de Grupo” e “Afiliação”, todas favoráveis ao sexo masculino. Entretanto, Castro e colaboradores (2016) conduziram um estudo também abrangendo idades menores (5 a 18 anos), de ambos os sexos, na Cidade de São Luís no Maranhão/Brasil com judocas participantes de um projeto social, sendo que estes atribuíram muita importância (valor máximo) em relação aos dados de motivação, alegando o quanto essa atividade é importante no espaço, alcançando todos os fatores motivacionais. Em outro estudo feito por Balbinotti e colaboradores (2009), em jogadores de basquete variando de 13 a 16 anos, atletas de nível municipal, estadual e

nacional de 6 estados diferentes do Brasil não manifestaram diferenças estatística em relação aos fatores motivacionais comparando os sexos, obtendo o mesmo nível de motivação. Estando este último estudo citado de acordo com Balbinotti et al. (2009) a motivação de jovens tenistas encontrando uma pequena diferença entre as médias observadas na variável “sexo”. Pode-se observar, quando se fala de adolescentes, que a variável em questão não é passível de se modificar comparando de moças e rapazes. Para tanto, outras hipóteses devem ser exploradas quanto a seus níveis de motivação, pois inúmeras possibilidades dever ser abordadas para melhor entender e comparar com outras práticas esportivas.

Outro ponto a ser abordado é o único fator de maior média citado pelo o sexo feminino, a “Competência técnica”, motivo que pode ser relacionado ao seu aprendizado durante as aulas de ginástica, a autorrealização associada ao domínio/aperfeiçoamento da técnica. Contrapondo o estudo de Guedes e Netto (2013), com idades entre 12 e 18 anos, no estado do Paraná/Brasil em 15 modalidades esportivas, entre elas coletivas e individuais, onde foi destacado estatisticamente as diferenças em relação ao sexo a “Competição”, “Competência técnica”, estas favoráveis aos rapazes. A “Atividade em grupo” e “Afiliação” demonstraram maiores valores médios citados pelas moças. Esta condição pode ter sido devida as diferentes idades pesquisadas e as modalidades esportivas.

Sobre os dados que envolvem a participação em competições nos permite concluir que não houve nenhuma diferença significativa entre os indivíduos que participaram para aquelas que ainda não fizeram parte de nenhum evento competitivo de ginástica artística. O que contrapõe os resultados do estudo de Liziero (2008), com futebolistas da cidade de Campo Grande/MS, 67 adolescentes com média de 16 anos do sexo masculino. Utilizado a Escala sobre motivos para a prática esportiva (EMPE) chegou-se ao resultado de que os adolescentes com objetivos competitivos alcançaram índices mais elevados em todos os fatores quando equiparado aos adolescentes cujo seu objetivo era a iniciação esportiva. Dos 7 fatores motivacionais apenas no fator saúde não houve diferença significativa quando comparados os dois grupos. No entanto,

estudo feito por Vignadelli (2018), com jogadores de Voleibol (feminino) e Futebol (masculino) no estado do Paraná com idades entre 10 e 16 anos, usando o PMQ como instrumento, analisou que em 7 fatores houve diferença estatisticamente significativa quando comparados aos atletas de nível de competição regional e aos atletas de nível de competição nacional. Atletas com experiência em competições regionais deram menos importância aos fatores “Reconhecimento social, Atividade de Grupo, Aptidão Física, Emoção, Competência técnica, Afiliação e Diversão”, divergindo do outro grupo. Enquanto o fator “competição” foi o único que não teve significância estatística nesse trabalho. Uma das razões para não ter diferenças nesse fator pode ter sido a média de idade desta amostra, sendo estes mais novos do que noutros estudos, portanto têm menos anos de competição a de nível atingido. Nos estudos abordados são realizados no grupo esportivo apenas do sexo masculino, modalidades individuais, ou apenas com as coletivas, ou com as duas modalidades, por isso com diversas particularidades de cada estudo, salienta-se que este é um tema que deve continuar a ser estudado em diferentes contextos.

O escalão etário foi dividido em 3 grupos (5 a 7, 8 a 10 e acima de 10 anos); optou-se por essa divisão para homogeneizar os grupos de acordo com a amostra. As informações apresentadas sobre os escalões etários nos permitem destacar as diferenças encontradas estatisticamente significativa entre os grupos 1 e 3 nos fatores: “Reconhecimento social, Atividade de grupo, emoção, afiliação e diversão”. Entre os grupos 2 e 3 destaca-se apenas o fator “emoção”. Pode ser mencionado o mesmo estudo citado acima realizado por Guedes e Netto (2013), no estado do Paraná nesta variável, na pesquisa destes autores ressalta diferenças significativas em quatro fatores de motivação: “Reconhecimento Social e Diversão” valores significativamente nos atletas com menos idade (12 a 14 anos), apresentado valores significativos com o avanço da idade (17 e 18 anos) em “Competição e Competência Técnica”. Observa-se que com o grupo de menor idade da pesquisa destes autores que também se encontra neste estudo e ambos citam os mesmos fatores motivacionais, embora há mais fatores citados pelos ginastas. Uma pesquisa feita por Dâmasio e colaboradores (2019) com crianças e jovens de ambos os gêneros de 2 regiões

de Portugal (Castelo Branco e Coimbra) utilizando como ferramenta esportiva o futebol e como instrumento o Questionário de Motivação para as Atividades Desportivas – QMAD (versão traduzida do PMQ) com uma média de idade de 12,82 das duas regiões, destacando os fatores motivacionais nas perguntas relacionados com “Reconhecimento Social, Emoção, Diversão, Aptidão Física e Atividade em grupo”.

Enfim, diante do confronto entre os resultados obtidos no presente estudo e de outras pesquisas com a mesma temática, nos parece importante levar em consideração as particularidades de cada amostra, quando se analisa a motivação para a prática esportiva, pois este parece ser um fator influenciador nos resultados. Por isso, estudos com diferentes modalidades e contextos de prática esportiva diversificada parecem promissores para futuros estudos.

CAPÍTULO 6 – CONCLUSÃO

6. Conclusão

Este estudo realizado com praticantes de ginástica artística de ambos os sexos na cidade de Campo Grande/MS/Brasil, permitiu concluir que a "Competência Técnica" apresenta valores mais altos, sendo o maior fator de motivação dos pesquisados para continuarem a frequentar os treinamentos da modalidade. O fator "Filiação" de destacou também, porém sendo o fator de motivação menos citado pelos os atletas.

Sobre a análise feito em função do sexo de 8 fatores de motivação o sexo masculino apresentou valores mais elevados em 7 destes, porém com diferenças estatisticamente significativas nos fatores: Reconhecimento Social, Atividade de grupo e Afiliação. A "Competência técnica" foi o único fator com a maior média no sexo feminino, contudo não teve significância estatística quando comparada ao sexo oposto.

Não foi possível perceber diferença significativa quanto a análise em relação a participação em competições.

Relativamente ao escalão etário, destaca os fatores estatisticamente significativos entre os grupos 1(5 a 7 anos) e 3 (acima de 10): Reconhecimento Social, Atividade de Grupo, Emoção, Afiliação e Diversão. Entre os grupos 2 (8 a 10 anos) e 3 (acima de 10) no fator Emoção teve diferença estatisticamente significativa. Todavia não há diferença expressiva entre os grupos 1 (5 a 7 anos) e 2(8 a 10 anos).

O estudo de abordagem transversal tem pontos positivos e também limitações. No caso do presente estudo, as limitações foram: a suspensão temporária dos treinamentos devido a pandemia do Covid-19, pois o programa Jovem Talento Esportivo engloba um público maior de praticantes; outra situação pensada inicialmente foi de pesquisar todo o grupo de ginástica inseridos no programa anteriormente citado, tanto da Ginástica Artística, quanto da Ginástica Rítmica

Sugerimos para estudos futuros, pesquisas longitudinais, onde se pode avaliar os atletas numa fase inicial e reavaliar após esse período de adaptação e iniciação da modalidade, permitindo assim verificar se houve mudanças nas variáveis pesquisadas com a evolução dos esportistas. A taxa de abandono

também pode ser um assunto de suma importância a ser pesquisado. A comparação entre as modalidades de ginástica artística e rítmica, conforme inicialmente pensado para este estudo.

Por fim, salientamos a importância de mais estudos das variáveis da motivação autodeterminada, uma vez que se constataram neste estudo diferentes conclusões relativamente a resultados de outros estudos, onde muitas variáveis podem ter sido as causadoras deste fato acontecer. Esta é uma temática que carece de aprofundamento. Assim, estudos com a mesma temática precisam ser feitos dentro da ginástica e também em outros esportes individuais e coletivos, com atletas de diferentes idades e níveis competitivos, para uma maior compreensão da motivação em contextos esportivos.

CAPÍTULO 7 - REFERÊNCIAS

7. Referências Bibliográficas

Al Huang, C., & Lynch, J. (1992). *O tao do esporte*. São Paulo: Best Seller.

Almeida, M. A. B. d., & Gutierrez, G. L. (2008). A nova dimensão esportiva: Uma leitura do esporte e do lazer [Versão eletrónica]. *EFDeportes.com: Revista Digital Buenos Aires, 12*(116). Consult. 10 ago 2020, disponível em https://www.efdeportes.com/efd116/uma-leitura-do-esporte-e-do-lazer.htm.

Angelo, L., & Rubidio, K. (2007). *Instrumentos de avaliação psicológica do esporte.* São Paulo: Casa do Psicológo.

Bacciotti, S., Diniz, C., Arguelho, R. S., & Gasparetto, Z. (2019). I Festival de Ginástica Universitária em Campo Grande/MS: Perfil e percepções dos participantes. *Corpoconsciência, 23*(3), 97-105.

Bacciotti, S. d. M. (2016). *Crescimento, maturação, desempenho motor e fatores do envolvimento no sucesso de ginastas brasileiras*. Porto: Sarita Bacciotti. Dissertação de Doutoramento apresentada a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Balbinotti, M. A. A., Saldanha, R. P., & Balbinotti, C. A. A. (2009). Dimensões motivacionais de basquetebolistas infanto-juvenis: Um estudo segundo o sexo. *Motriz, 15*(2), 318-329.

Barbanti, V. J. (1994). *Dicionário de educação física e do esporte*. São Paulo: Manole.

Barbanti, V. J. (1997). *Teoria e prática do treinamento esportivo*. São Paulo: Edgar Blücher.

Barbanti, V. J. (2010). *Revisão científica do livro treinamento de força com bola: Estabilidade total e exercícios com medicine ball* (2ª ed. Vol. 1). São Paulo: Manole.

Barbanti, V. J., Tricoli, V., & Ugrinowitsch, C. (2004). Relevância do conhecimento científico na prática do treinamento físico. *Revista Paulista de Educação Física, 18*(N. esp), 101-109.

Barroso, A. L. R., & Darido, S. C. (2006). Escola, educação física e esporte: Possibilidades pedagógicas. *Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, 1*(4), 101-114.

Bernardes, A. G., Yamaji, B. H. S., & Guedes, D. P. (2015). Motivos para prática de esporte em idades jovens: Um estudo de revisão. *Motricidade, 11*(2), 163-173.

Betti, M. (1991). *Educação física e sociedade*. São Paulo: Movimento.

Bompa, T. O. (2002). *Periodização: Teoria e metodologia do treinamento* (4ª ed.). Guarulhos: Phorte Editora.

Bracht, V. (1989). Esporte-estado-sociedade. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 10*(2), 69-73.

Brasil. Presidência da República. (1998). Lei Nº 9.615, de 24 de Março de 1998. *gov.br Presidência da República.* Consult. 21 set 2020, disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9615compilada.htm

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. (1998). *Parâmetros curriculares nacionais: Educação física, terceiro e quarto ciclo*. Brasília: MEC/SEF.

Castro, M. G., Paixão, J. L., Ferreira, B. d. S., Junior, P. R. d. S., & Navarro, A. C. (2016). Perfil socioeconômico e fatores motivacionais de judôcas competitivos da Associação Esportiva e Cultural Leão de Judá. *Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício, 11*(63), 911-913.

Cecchini, J. A., Méndez, A., & Muñiz, J. (2002). Motives for practicing sport in Spanish schoolchildren. *Psicothema, 14*(3), 523-531.

Conceição, E. (S.d.). História de MS. *Governo do Estado: Mato Grosso do Sul.* Consult. 15 set 2020, disponível em http://www.ms.gov.br/a-historia-de-ms/

Corrêa, A. P. (2013). *O esporte educacional como ferramenta para formação integral: Um estudo de revisão*. Canoas: Alyson Corrêa. Dissertação de Pós-Graduação apresentada a Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Dâmaso, N., Batista, M., Serrano, J., Petrica, J., & Paulo, R. (2019). Motivações para a escolha do futebol como prática desportiva: Diferenças entre

região e escalão etário. In J. Petrica, H. Mesquita, M. Batista & P. Mendes (Eds.), *Psicologia do desporto e exercício: Abordagens académicas de investigação* (pp. 77-88). Idanha-a-Nova: Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.

Dantas, E. H. M. (2003). *A prática da preparação física* (5ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Guanabara.

Darido, S., C., & Rangel, I., C, A. (2008). *Educação física na escola: Implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Deci, E., & Ryan, R. (1985). *Intrinsic motivation and self-determination in human behavior*. New York: Plenum.

Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2002). *Handbook of self-determination research*. Rochester: University Rochester Press.

Erikson, E. H. (1971). *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.

Fernandes, H. M., & Vasconcelos-Raposo, J. (2005). Continuum de Auto-Determinação: Validade para a sua aplicação no contexto desportivo. *Estudos de Psicologia 10*(3), 385-395.

Ferraz, P. A. P. d. S. A. (2018). *Regulação motivacional e satisfação de necessidades psicológicas básicas em praticantes de Crossfit*. Porto: Pedro Ferraz. Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Garyfallos, A., & Asterios, P. (2011). Motivation of 10-12 years old cypriot students toward sports participation. *Journal of Physical Education and Sport, 11*(4), 401-405.

Gaya, A., & Cardoso, M. (1998). Os fatores motivacionais para a prática desportiva e suas relações com o sexo, idade e níveis de desempenho desportivo. *Perfil, 2*(2), 40-52.

Gill, D. L., Gross, J. B., & Huddleston, S. (1983). Participation motivation in youth sports. *International Journal of Sport Psychology, 14*(1), 1-14.

Gillet, N., Berjot, S., & Gobancé, L. (2009). A motivational model of performance in the sport domain. *European Journal of Sport Science, 9*(3), 151-158.

Gomes, M. A. M., & Boruchovitch, E. (2016). Escala de Motivação para a Leitura para Adolescentes e Jovens: Propriedades psicométricas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 32*(2), 1-9.

Goudas, M., Dermitzaki, I., & Bagiatis, K. (2000). Predictors of students' intrinsic motivation in school physical education. *European Journal of Psychology of Education, 15*(3), 271-280.

Gouvea, F. C. (1997). Motivação e atividade esportiva. In A. A. Machado (Ed.), *Psicologia do esporte: Temas emergentes I* (pp. 165-191). Jundiaí: Ápice.

Guedes, D. P., & Netto, J. E. S. (2013). Participation Motivation Questionnaire: Tradução e validação para uso em atletas-jovens brasileiros. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 27*(1), 137-148.

Hostal, P. (1982). *Ginástica em aparelhos: Ensino primário*. São Paulo: Manole.

Kunz, E. (1994). As dimensões inumanas do esporte de rendimento. *Movimento: Revista de Educação Física da UFRGS, 1*(1), 10-19.

Levinsky, D. L. (1998). *Adolescência: Reflexões psicanalíticas* (2ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Liziero, L. (2008). *Fatores motivacionais de adolescentes praticantes de futebol em clubes Campo Grande/MS*. Campo Grande: L. Liziero. Dissertação de Licenciatura apresentada a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Lopes, P., & Nunomura, M. (2007). Motivação para a prática e permanência na ginástica artística de alto nível. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 21*(3), 177-187.

Lyra Filho, J. (1973). *Introdução à sociologia dos desportos*. Rio de Janeiro: Editora Bloch.

Machado, A. A. (1997). *Psicologia do esporte: Temas emergentes I*. Jundiaí: Ápice.

Machado, A. A. (2006). *Psicologia do esporte: Da educação física escolar ao esporte de alto nível*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Maia, M. M. O. (2008). *Esportes coletivos: A iniciação desportiva de escolares da cidade de Pau dos Ferros/RN*. Pau dos Ferros/RN: M. Maia.

Dissertação de Licenciatura apresentada a Faculdade de Educação Física, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

Martin, D., Carl, K., & Lehhertz, K. (2008). *Manual de teoria do treinamento esportivo*. São Paulo: Phorte Editora.

Massarella, F. L., & Winterstein, P. J. (2009). A motivação intrínseca e o estado mental flow em corredores de rua. *Movimento, 15*(2), 45-68.

Mato Grosso do Sul. (2020). *Geo Geral: Banco de dados geográficos.* Consult. 30 ago 2020, disponível em www.geogeral.com

Mauss, M. (1978). *Les techniques du corps in sociologie et anthropologie* (6eme ed.). Paris: PUF.

Melo, V. A. d. (2010). Por uma história do conceito esporte diálogos com Reinhart Koselleck. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 32*(1), 41-57.

Moreno Murcia, J. A., Cervelló Gimeno, E., & González-Cutre Coll, D. (2007). Analizando la motivación en el deporte: Un estudio a través de la teoría de la autodeterminación. *Apuntes de Psicología, 25*(1), 35-51.

Moreno Murcia, J. A., Román Blanco, M. L. d. S., Martínez Galindo, C., Alonso Villodre, N., & González-Cutre Coll, D. Efeitos do gênero, a idade e a freqüência de prática na motivação e o desfrute do exercício físico. *Fitness & Performance Journal, 6*(3), 140-146.

Murray, E. J. (1978). *Motivação e emoção*. Rio de Janeiro: Zahar.

Oliveira, H. Z. (2019). *Clima motivacional criado pelo treinador: Um estudo com jovens atletas portugueses e brasileiros de desportos coletivos*. Porto: H. Oliveira. Dissertação de Doutoramento apresentada a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Osório, L. C. (1992). *Adolescência hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Paim, M. C. C. (2001). Fatores motivacionais e desempenho no futebol. *Revista da Educação Física/UEM, 12*(2), 73-79.

Penna, A. G. (2001). *Introdução à motivação e emoção*. Rio de Janeiro: Imago.

Pereira, L. (1980). *Biblioteca educação é cultura: Esportes* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Bloch.

Pinto Sobrinho, L. G., Mello, R. M. F., & Peruggia, L. (1997). Influência de pais, técnicos e torcida. In A. A. Machado (Ed.), *Psicologia do esporte: Temas emergentes I* (pp. 57-80). Jundiaí: Ápice.

Platonov, V. (1988). *El entrenamiento deportivo, teoria, metodologia*. Barcelona: Ed. Paidotribo.

Ramos, J. J. (1982). *Os exercícios fisicos na história e na arte*. São Paulo: IBRASA.

Reis, M. C. d., & Silva, M. R. S. d. (2016). O esporte educacional e o princípio pedagógico da inclusão de todos: Implicações na educação física escolar. *SOAC - Sistema Online de Apoio a Congressos do CBCE.* Consult. 15 set 2020, disponível em http://congressos.cbce.org.br/index.php/8csbce/2016sul/paper/viewFile/8273/4412

Relvas, H. (2005). (Des)ajustes entre treinadores e jovens atletas nos motivos para a prática desportiva. *Treino Desportivo, 27*, 4-7.

Roberts, G. C. (2001). Understanding the dynamics of motivation in physical activity: The influence of achievement goals on motivational processes. In G. C. Roberts (Ed.), *Advances in motivation in exercise and sport* (pp. 1-50). Champaign: Human Kinetics.

Roberts, G. C., & Mckelvain, R. (1987). The motivational goals of elite young gymnasts. In J. H. Salmela, B. Petiot & T. B. Hoshizaki (Eds.), *Psychological nurturing and guidance of gymnastic talent.* (pp. 186-193). Montreal: Sport Psyche.

Rosadas, R. (1993). Os efeitos psicológicos do treinamento desportivo precoce. *Sprint, 5*(2), 53-65.

Roschel, H., Tricoli, V., & Ugrinowitsch, C. (2011). Treinamento físico: Considerações práticas e científicas. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 25*(N. esp), 53-65.

Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000). Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well being. *American Psychologist, 55*(1), 68-78.

Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2007). Active human nature: Self-determination theory and the promotion and maintenance of sport, exercise, and health. In M. S. Hagger & N. L. D. Chatzisarantis (Eds.), *Intrinsic motivation and self-determination in exercise and sport* (pp. 1-19). Champaign: Human Kinetics.

Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2017). *Sef-determination theory: Basic psychological need in motivation, development, and welliness*. New York: The Guilford Press.

Samulski, D. (2009). *Psicologia do esporte: Conceitos e novas perspectivas* (2ª ed.). Barueri: Manole.

Santos, E. A. d., Nery, F. d. C., Assunção, L. d. S., Torres, R. S., & Cordeiro, S. M. S. (2006). As diferenças entre o esporte da escola e o esporte na escola. *Revista Treinamento Desportivo, 7*(1), 21-28.

Santos, L. B., Silva, T. D. d., & Hirota, V. B. (2008). Mulher no esporte: Uma visão sobre a prática no futebol. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte 7*(3), 119-125.

Schultz, D. P., & Schultz, S. E. (2002). *Teorias da personalidade*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Serra, L. F. C. (2010). *Aplicação de modelos teóricos motivacionais ao contexto do exercício: Explorar a integração das teorias dos objectivos de realização e do comportamento autodeterminado e a sua relação com a adesão ao exercício físico em ginásios*. Vila Real: Luís Serra. Dissertação de Doutoramento apresentada a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Siegenthaler, K. L., & Gonzalez, G. L. (1997). Youth sports as serious leisure: A critique. *Journal of Sport & Social Issues, 21*(3), 298-314.

Silva, F. S. C. (2019). *Percepção de envolvimento parental e motivação de jovens atletas no esporte*. Bauru: Fernanda Silva. Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Silva Junior, G. O. d. (2012). Direção motivacional, motivação e traços de ansiedade em jovens atletas da modalidade remo [Versão eletrónica].

EFDeportes.com: Revista Digital Buenos Aires, 17(175). Consult. 25 ago 2020, disponível em https://www.efdeportes.com/efd175/motivacao-em-jovens-da-modalidade-remo.htm.

Sloman, A. (1987). Motives, mechanisms, and emotions. *Cognition and Emotion, 1*(3), 217-233.

Soares, C. L. (1992). *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez Editora.

Soares, C. L. (1998). *Imagens da educação no corpo: Estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas: Autores Associados.

Soares, C. L., Taffarel, C. N. Z., Varjal, E., Castellani Filho, L., Escobar, M. O., & Bracht, V. (2009). *Metodologia do ensino de educação física* (2ª ed.). São Paulo: Cortez.

Toledo, E. d. (1999). *Proposta de conteúdos para a ginástica escolar: Um pararelo com a teoria de coll*. Campinas: Eliana Toledo. Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

Toledo, E. d. (2004). A ginástica rítmica e artística no ensino fundamental: Uma prática possível e enriquecedora. In E. C. Moreira (Ed.), *Educação Física Escolar: Desafios e propostas*. São Paulo: Editora Fontoura.

Treinamento esportivo (Vol. 4). (2013). Brasília: Fundação Vale.

Tritschler, K. (2003). *Medida e avaliação em educação física e esportes de Barrow & McGee*. Barueri: Manole.

Tubino, M. J. G. (1987). *Teoria geral do esporte*. São Paulo: IBRASA.

Tubino, M. J. G. (1993). *O que é esporte?* Brasília: Editora Brasiliense.

Tubino, M. J. G. (2001). *Dimensões sociais do esporte* (2ª ed.). São Paulo: Cortez.

Tubino, M. J. G. (2003a). *Metodologia científica do treinamento desportivo* (13ª ed.). Rio de Janeiro: Shape.

Tubino, M. J. G. (2003b). Movimento esporte para todos: Da contestação do esporte de alto nível a atual promoção da saúde. *73*(3), 24-29.

Tubino, M. J. G. (2010). *Estudos brasileiros sobre o esporte: Ênfase no esporte-educação.* Maringá: Eduem.

Tubino, M. J. G., Tubino, F. M., & Garrido, F. A. C. (2007). *Dicionário enciclopédico Tubino do esporte*. Rio de Janeiro: SENAC.

Vallerand, R. (1997). Toward a hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation. In M. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (pp. 271-360). New York: Academic Press.

Vallerand, R., & Ratelle, C. (2002). Intrinsic and exterinsic motivation: A hierarchical model. In E. Deci & R. Ryan (Eds.), *Handbook of self-determination research* (pp. 37-63). Rochester: The University of Rochester Press.

Vallerand, R. J. (2001). A hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation in sport and exercise. In R. G. C. (Ed.), *Advances in motivation in sport and exercise* (pp. 263-319). Champaign: Human Kinetics.

Vallerand, R. J., & Blanchard, C. (1998). Motivation et éducation permanente: Contributions du modèle hiérarchique de la motivation intrinsèque et extrinsèque. *Education Permanente, 136*, 15-36.

Vallerand, R. J., & Losier, G. F. (1999). An integrative analysis of intrinsic and extrinsic motivation in sport. *Journal of Applied Sport Psychology, 11*(1), 142-169.

Verkhosansky, Y. V. (1996). *Força: Treinamento da potência muscular*. Londrina: Centro de Informações Desportivas.

Vierling, K. K., Standage, M., & Treasure, D. C. (2007). Predicting attitudes and physical activity in an “at-risk” minority youth sample: A test of self-determination theory. *Psychology of Sport and Exercise, 8*(5), 795-817.

Vignadelli, L. Z., Ronque, E. R. V., Bueno, M. R. D. O., Dib, L. R. P., & Serassuelo Junior, H. (2019). Motives for sports practice in young soccer and volleyball athletes. *Brazilian Journal of Kinanthropometry and Human Performance, 20*(6), 585-597.

Voser, R. C., Neto, F. X. V., & M., V. L. A. (2007). *A criança submetida precocemente no esporte: Benefícios e malefícios*. Rio Grande do Sul: Futsal Brasil.

Weinberg, R. S., & Gould, D. (2001). *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. Porto Alegre: Artmed.

Weineck, J. (1989). *Manual de treinamento esportivo* (2ª ed.). São Paulo: Manole.

Weineck, J. (1991). *Biologia do esporte*. São Paulo: Manole.

Weineck, J. (1999a). *Treinamento ideal* (9ª ed.). São Paulo: Manole.

Weineck, J. (1999b). *Treinamento ideal: instruções técnicas sobre o desempenho fisiológico incluindo considerações específicas de treinamento infantil e juvenil*. São Paulo: Manole.

Weineck, J. (2003). *Atividade física e esporte: Para quê?* Barueri: Manole.

Weiner, B. (1986). Attribution, emotion and action. In R. M. Sorrentino (Ed.), *Handbook of motivation and cognition* (pp. 281–312). New York: The Guiford Press.

Weiner, B. (1992). *Human motivation: Metaphors, theory, and resarch*. New Delhi: Sage Publications.

Wentzel, K. R. (1999). Social-motivational processes and interpersonal relationships: Implications for understanding motivation at school. *Journal of Educational Psychology, 91*(1), 76-97.

Wertheimer, M. (1989). *Pequena história da Psicologia*. São Paulo: Nacional.

Winterstein, P. J. (1992). Motivação, educação física e esporte. *Revista Paulista de Educação Física, 6*(1), 53-61.

Winterstein, P. J. (2002). A motivação para a atividade física e para o esporte. In D. D. Rose Jr. (Ed.), *Esporte e atividade física na infância e adolescência* (pp. 77-87). Porto Alegre: Artmed.

Winterstein, P. J. (2004). Fomento da motivação em aulas de Educação Física e programas de intervenção para professores. In E. Kunz & R. Hildebrandt-Stramann (Eds.), *Intercâmbios científicos internacionais em Educação Física e esportes* (pp. 157-177). Ijuí: Editora Unijuí.

CAPÍTULO 8 - ANEXOS

Anexo I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Seu/Sua filho(a) esta sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa chamada “Observatório de atividades físicas e esportivas”, que tem como objetivo compreender melhor a motivação de crianças e jovens atletas de ginástica que participam do programa Jovem Talento esportivo oferecido pela FUNESP no município de Campo Grande.

Caso você autorize, seu/sua filho(a) vai responder um questionário sobre motivação para a prática esportiva. Esse questionário será aplicado no próprio local onde ocorrem os treinamentos, nos dias e horários de treino. Então, não haverá nenhum gasto para seu/sua filho(a) participar da pesquisa. Da mesma forma, você não receberá nenhum tipo de pagamento pela participação. Tudo será feito de forma voluntária.

Todos os resultados desta pesquisa poderão ser utilizados em publicações, em eventos e artigos científicos futuros, mas sempre preservando totalmente o anonimato dos participantes. Ou seja, as respostas dadas por seu/sua filho(a) não serão reveladas a ninguém, apenas a pesquisadora responsável pelo estudo saberá o conteúdo das respostas.

Seu/Sua filho(a) não é obrigado(a) a participar da pesquisa e isso não causará nenhum prejuízo para ele/ela nos treinamentos oferecidos pela FUNESP.

Mas se você decidir autorizar a participação de seu/sua filho(a), você estará colaborando para o progresso da ciência e das pesquisas na área esportiva. Também estará ajudando a obter informações científicas que serão repassadas para a FUNESP melhorar a política pública de esporte em Campo Grande.

Sinta-se à vontade para solicitar quaisquer esclarecimentos sobre os objetivos e o questionário usado na pesquisa, seja antes, durante ou após a entrevista com seu/sua filho(a), bem como esclarecer qualquer outra dúvida. Quem está conduzindo este estudo é a professora Alessandra e você poderá tirar suas dúvidas com ela, pelo telefone (67) 99826-2210.

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos e objetivos da pesquisa que meu/minha filho(a) vai participar.

Diante disso, concordo com a participação de meu/minha filho(a) _____ na pesquisa.

Nome do(a) responsável: _____.

Assinatura: _____ Campo Grande, _____/____/_____.

Anexo II - Questionário PMQ

UFMS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

FUNESP Fundação Municipal de Esportes — CAMPO GRANDE

Projeto de Pesquisa vinculado ao Observatório de Atividades Físicas e Esportivas (Parceria UFMS / FUNESP).

Nome: _____

Idade: _____ Sexo: ( ) Masc. ( ) Fem.

Peso (kg): _____ Altura (m): _____

Ginástica Artística ( ) Ginástica Rítmica ( )

Há quanto tempo pratica ginástica? _____ (meses ou anos)

Qual o maior nível de competição que já participou?

(__) Municipal (__) Estadual (__) Nacional (__) Internacional

Qual a competição mais importante que já participou?

Por que?

(__) Ainda não participou de competições

Eu pratico ginástica para:

		Nada Importante				Muito Importante
1.	Melhorar as habilidades técnicas	1	2	3	4	5
2.	Estar com amigos	1	2	3	4	5
3.	Ganhar dos adversários	1	2	3	4	5
4.	Liberar energias	1	2	3	4	5
5.	Viajar	1	2	3	4	5
6.	Manter a forma física	1	2	3	4	5
7.	Ter emoções fortes	1	2	3	4	5
8.	Trabalhar em equipe	1	2	3	4	5
9.	Satisfazer a família ou amigos	1	2	3	4	5
10.	Aprender novas habilidades	1	2	3	4	5
11.	Fazer novas amizades	1	2	3	4	5
12.	Fazer algo em que sou bom	1	2	3	4	5
13.	Liberar tensões	1	2	3	4	5
14.	Ganhar prêmios	1	2	3	4	5
15.	Fazer exercício físico	1	2	3	4	5
16.	Ter algo para fazer	1	2	3	4	5
17.	Ter ação	1	2	3	4	5
18.	Desenvolver espírito de equipe	1	2	3	4	5
19.	Sair de casa	1	2	3	4	5
20.	Competir	1	2	3	4	5
21.	Sentir importante	1	2	3	4	5
22.	Pertencer a um grupo	1	2	3	4	5
23.	Superar limites	1	2	3	4	5
24.	Estar em boas condições físicas	1	2	3	4	5
25.	Ser conhecido	1	2	3	4	5
26.	Vencer desafios	1	2	3	4	5
27.	Satisfazer o professor/treinador	1	2	3	4	5
28.	Ser reconhecido e ter prestígio	1	2	3	4	5
29.	Divertir	1	2	3	4	5
30.	Utilizar instalações e equipamentos esportivos	1	2	3	4	5